



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

RAÍSSA DE ANDRADE SENA

**O USO DE JOGOS E BRINCADEIRAS DE ORIGEM AFRICANA NO PROCESSO
DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS TEMÁTICAS ÉTNICO-RACIAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**GUARABIRA-PB
2021**

RAÍSSA DE ANDRADE SENA

**O USO DE JOGOS E BRINCADEIRAS DE ORIGEM AFRICANA NO PROCESSO
DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS TEMÁTICAS ÉTNICO-RACIAIS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Área de concentração: Formação docente e identidades: gênero, geracional, étnico-racial.

Orientadora: Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo

**GUARABIRA-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S474u Sena, Raíssa de Andrade.

O uso de jogos e brincadeiras de origem africana no processo de ensino e aprendizagem das temáticas étnico-raciais na educação infantil [manuscrito] / Raíssa de Andrade Sena. - 2021.

67 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Educação étnico-racial. 2. Jogos e brincadeiras de origem africana. 3. Educação infantil. I. Título

21. ed. CDD 370

RAÍSSA DE ANDRADE SENA

O USO DE JOGOS E BRINCADEIRAS DE ORIGEM AFRICANA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS TEMÁTICAS ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

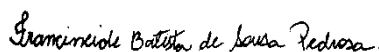
Área de concentração: Formação docente e identidades: gênero, geracional, étnico-racial.

Aprovada em: 06/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Sheila Gomes de Melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Francineide Batista de Sousa Pedrosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Josilene Rodrigues da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todas as pessoas que lutaram e continuam na insistente luta em busca da construção de uma sociedade menos desigual e antirracista, que preza pelo respeito e valorização da diversidade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, Jeová, pelo dom da vida e por me dar toda a força necessária para completar essa jornada da minha vida.

À minha mãe, Veralúcia, por ter dedicado sua vida para cuidar incansavelmente de todas as necessidades da nossa família, por sempre estar ao meu lado nos momentos em que mais necessito, por ser meu refúgio, por ofertar seu colo para me acalmar e por todas as orações. Além disso, por ter sido meu primeiro exemplo de educadora e sempre me lembrar o quanto essa profissão é admirável e importante para a nossa sociedade.

Ao meu pai, Reginaldo, por todas as vezes em que se ofereceu para me buscar no ponto de ônibus e por nunca ter medido esforços para prover os recursos necessários para que todas nós, suas quatro filhas, pudéssemos estudar dentro das nossas condições de vida.

Às minhas irmãs gêmeas, Rossanna e Stefanny e nossa irmã mais velha, Yasmim, por serem minhas companheiras de vida, por me amarem verdadeiramente e cuidarem de mim em todos os sentidos. Agradeço em especial à Rossanna, pois jamais conseguirei mensurar o quanto sou grata por ter tido o privilégio de compartilhar esses quatro anos de graduação com você, que sempre foi minha âncora e não me deixou desistir.

Às minhas amigas e companheiras de curso, Isadora e Clêysla, por tudo o que construímos ao longo desses anos juntas, cada lágrima e cada gargalhada partilhada. Obrigada por tanto, vamos juntas sempre, para sempre.

Aos meus amigos-irmãos de longa data, Ruan e José, que fazem parte de tudo desde o começo, que me salvarem tantas vezes dos dias pesados. Sou grata pela permanência e lealdade de vocês, meus irmãos.

Às minhas professoras e professores do Centro de Humanidades, que contribuíram de forma grandiosa para minha formação profissional e pelos laços que se criaram para além do espaço acadêmico.

Às professoras, Francineide e Josilene, por terem aceitado o convite para compor a banca deste trabalho e terem contribuído de forma prestativa não apenas neste momento, mas também durante a graduação.

À minha orientadora, Sheila, por ter me auxiliado durante o exaustivo processo de construção deste trabalho de forma paciente e amorosa. Obrigada por ser um exemplo de resistência para tantas de nós. Conseguimos vencer, Carolina!

— Ah! comigo, o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é. Minha mãe sorria e perguntava: — O que é que você vai fazer do mundo?
— Não quero gente grande no mundo. São os grandes que são maus. As crianças brincam juntas, para elas não existe a cor. Não falam em guerras não fazem cadeias para prender ninguém (JESUS, 1986, p. 106-107).

RESUMO

O presente trabalho aborda a utilização da ludicidade, especificamente o uso de jogos e brincadeiras de origem africana, como instrumento contribuidor para o ensino e aprendizagem das relações étnico-raciais na Educação Infantil. Tivemos por objetivo geral compreender as contribuições da utilização de jogos e brincadeiras para o ensino e aprendizagem das relações étnico-raciais na Educação Infantil. A base teórica utilizada para fundamentar esta pesquisa teve como base autores/as que tratam sobre a temática, como Vygotsky (1988), Piaget (1978), Kishimoto (1994), Moyles (2006), Cunha (2016) e Rosolem e Guerra (2013). Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se configura em caráter qualitativo, tendo como método de procedimento o Estudo de caso, no qual elaboramos e aplicamos um roteiro de entrevista estruturada com a colaboração de três professoras atuantes na Educação Infantil em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI). Diante os resultados analisados, pudemos compreender que tanto a ludicidade quanto os jogos e brincadeiras de origem africana contribuem significativamente para a efetivação da Lei Federal nº 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) e proporcionam discussões pautadas no ensino da cultura africana e afro-brasileira e da diversidade cultural desde os anos iniciais da Educação infantil. Ademais, se faz necessário promover, nas instituições escolares, um espaço mais aberto para abordar a educação voltada para as relações étnico-raciais de forma contínua e integrada ao currículo institucional, na qual os/educadores/as estejam constantemente em processo de reflexão crítica sobre sua prática pedagógica.

Palavras-Chave: Educação étnico-racial; Jogos e brincadeiras de origem africana; Educação Infantil.

ABSTRACT

The present work addressed the use of playfulness, specifically the use of games of African origin, as a contributing instrument for the teaching and learning of ethnic-racial relations in Early Childhood Education. We aimed to understand the contributions of the use of games for the teaching and learning of ethnic-racial relations in Early Childhood Education and to investigate the position of teachers regarding their use in their pedagogical practice. The theoretical basis used to support this research was based on authors who deal with the theme, such as Vygotsky (1988), Piaget (1978), Kishimoto (1994), Moyles (2006), Cunha (2016) and Rosolem and Guerra (2013). From a methodological point of view, the research is configured in a qualitative character, having as a method of procedure the Case Study, where we developed and applied a structured interview script with the collaboration of three teachers working in Early Childhood Education at a Reference Center for Children's Education (CREI). Given the analyzed results, we were able to understand that both playfulness and games of African origin significantly contribute to the implementation of Federal Law n° 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) and provide discussions based on the teaching of African and Afro-brazilian culture and cultural diversity since the early years of early childhood education. Furthermore, it is necessary to promote, in educational establishments, a more open space to address education focused on ethnic-racial relations in a continuous and integrated manner into the institutional curriculum, in which educators are constantly in the process of critical reflection on their pedagogical practice.

Keywords: Ethnic-racial education; Games of african origin; Early Childhood Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro de categorias	38
Quadro 2 – Transcrição da Primeira Entrevista.....	60
Quadro 3 – Transcrição da Segunda Entrevista.....	63
Quadro 4 – Transcrição da Terceira Entrevista.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CREI	Centro de Referência em Educação Infantil
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O BRINCAR E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS	14
2.1 Jogos e brincadeiras de origem africana: Características e possibilidades	20
3 EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PERSPECTIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	26
3.1 Legislação educacional brasileira: Caminhos pra a construção de uma educação antirracista	28
4 PERCURSO METODOLÓGICO	35
4.1 Tipo de pesquisa	35
4.2 Caracterização dos sujeitos	35
4.3 Etapas da pesquisa	36
4.4 Instrumentos da pesquisa	36
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	38
1º Dimensão de análise: Ludicidade	39
1º Categoria de análise: Prática Docente	39
1º Unidade de sentido: Atividades lúdicas cotidianas	39
2º Unidade de sentido: Brinquedos com materiais diversos.....	40
2º Categoria de análise: Percepção Docente Sobre o Lúdico	41
1º Unidade de sentido: Processo de aprendizagem	41
2º Unidade de sentido: Estímulo do desenvolvimento infantil	42
3º Categoria de análise: Participação das Crianças	42
1º Unidade de sentido: Atividade prazerosa	43
2º Unidade de sentido: Motivação	43
2º Dimensão de análise: Questões Étnico-Raciais	44
1º Categoria de análise: Aplicabilidade da Lei 10.639/03	44
1º Unidade de sentido: Atividades desenvolvidas nas aulas	45
2º Unidade de sentido: Datas comemorativas	47
2º Categoria de análise: Jogos e Brincadeiras de Origem Africana	48
1º Unidade de sentido: Brincadeiras ressignificadas	49
2º Unidade de sentido: Recursos e Métodos	50
3º Categoria de análise: Diversidade da Cultura Africana	50
1º Unidade de sentido: Heranças culturais afro-brasileiras	51
2º Unidade de sentido: Respeito às diferenças	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ROTEIRO DE ENTREVISTA	59
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA	60
APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA	63
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA	65

1 INTRODUÇÃO

O brincar é algo inerente aos seres humanos. As brincadeiras e jogos fazem parte do nosso cotidiano, sobretudo durante a infância, onde as crianças desfrutam de mais energia e tempo livre para realizar atividades que despertam o prazer e a diversão, mas que também possibilitam a construção de aprendizagens e habilidades que levarão consigo durante todo o seu processo de crescimento e trajetória de vida.

Por meio de jogos e brincadeiras, a cultura e diversidade de um povo podem ser ensinadas e repassadas por gerações, isso acontece de forma tão natural que pode até mesmo passar despercebido. No entanto, através dessas atividades recreativas, a história, cultura e valorização dos costumes dos mais diversos tipos de sociedade podem ser revitalizadas, lembradas e ressignificadas. Com isso surgem novos conhecimentos e saberes, além de proporcionar a promoção de valores fundamentais a todos os seres humanos, como o respeito e a empatia. No campo teórico, muitos/as autores/as defendem o uso da ludicidade como estratégia facilitadora da prática docente, desenvolvendo aprendizagens significativas e concretas, tais como Vygotsky (1988), Piaget (1978), Kishimoto (1994), Moyles (2006), Brougère (1998), entre outros/as.

Nosso país, Brasil, é conhecido por apresentar uma grande diversidade, tanto nos aspectos naturais, como o clima, fauna e flora, quanto culturalmente. Isto se dá devido à formação inicial do Brasil enquanto colônia de Portugal. Conforme mostram os aspectos históricos relacionados ao início do processo de formação do país, muitos dos povos que foram trazidos para cá, como os povos africanos, trouxeram aspectos das suas próprias culturas e modos de vida, incluindo as brincadeiras, jogos e os meios que usavam para se divertir na época.

Assim, grande parte dessas características foram se reproduzindo e fazendo parte das vivências daquelas pessoas e, conseqüentemente, passavam de geração em geração até chegar aos dias atuais. Ainda hoje, observamos a presença e reprodução de jogos e brincadeiras originários do povo africano e afrodescendente dentro das comunidades, bem como dos espaços educativos, sejam eles formais ou informais.

As instituições escolares, enquanto espaço de educação formal, são ambientes privilegiados no que diz respeito a presença da diversidade cultural. Nesse espaço vivenciamos experiências e situações que diferem do que estamos acostumados/as dentro do meio familiar e aprendemos a conviver com pessoas com hábitos e histórias de vida diferentes dos nossos. Essas experiências enriquecem a construção de novas aprendizagens e contribuem para a formação da cidadania dos indivíduos que frequentam esses espaços.

A escola é um espaço repleto de diversidade, onde vivenciamos uma forte presença de culturas diferenciadas. As crianças adentram nesse espaço com suas bagagens culturais e costumes adquiridos no ambiente familiar, por isso é natural haver certo estranhamento ao se depararem com divergências culturais de seus/suas colegas, mas nem sempre as questões voltadas para as relações étnico-raciais têm a devida atenção ou são trabalhadas das formas previstas nos documentos legais do nosso país.

Nossa legislação educacional provém de documentos norteadores de ensino que mostram o papel que a educação e seus agentes devem exercer para contribuir com a mudança e a transformação da sociedade. Como exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), este documento consta como um dos objetos de aprendizagem e conhecimento a ser desenvolvido na Educação Infantil, manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida. Diante disso, a comunidade escolar precisa promover meios para que ela seja um local onde o respeito pela diversidade seja ensinado e aprendido. Portanto, as práticas educacionais ocorridas nas escolas precisam estar de acordo com essas diretrizes, que servem como base norteadora para o ensino e visam a melhoria da qualidade educacional.

Ademais, temos a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003), a qual consta a obrigatoriedade do Ensino e Cultura Afro-brasileira e Africana em todos os níveis educacionais, nas redes de ensino pública e privada, propondo uma ressignificação na abordagem e ensino sobre a cultura afro. Assim, através de práticas pedagógicas adequadas para a faixa etária dos/as educandos/as, utilizando o lúdico como instrumento facilitador do processo de ensino e aprendizagem das temáticas étnico-raciais, onde a cultura dos povos africanos e afro-brasileira seja devidamente contemplada no currículo e nas atividades cotidianas, poderemos avançar na (des)construção das práticas de racismo, preconceito e discriminação tão recorrentes na sociedade e, conseqüentemente, nos espaços escolares.

Durante minha experiência escolar, pouco se falou sobre assuntos ligados à temática racial. Quando eram trabalhados, me recorro que eles se davam apenas em datas celebrativas do calendário, onde, de forma superficial acontecia alguma festividade. Porém, as discussões históricas, apresentando a relevância para a nossa realidade, ficavam de lado. Devido essa ausência, situações de racismo e preconceito aconteciam no ambiente escolar e passavam despercebidas, tidas como algo natural.

Meu interesse em pesquisar a temática das relações étnico-raciais surgiu dentro do ambiente universitário, a partir das aulas do componente curricular Educação e Afrodescendência, no 5º semestre do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba

(UEPB-Campus III). As discussões construídas e vivenciadas na sala de aula fortaleceram minha identidade enquanto mulher negra e minha percepção da necessidade de trazer esse debate para o meu cotidiano, incluindo para a minha futura atuação como docente, pois acredito no papel da educação para a transformação da sociedade, e esse processo inicia-se desde a Educação Infantil.

Partindo do pressuposto que as metodologias lúdicas despertam o interesse e a participação de alunos e alunas nas atividades propostas, principalmente quando se trata de crianças, a utilização de jogos e brincadeiras de origem africana é um instrumento facilitador que os/as educadores/as da Educação Infantil dispõem para desenvolver um ensino atrativo e de qualidade da educação para as relações étnico-raciais e em cumprimento dos documentos legislativos educacionais.

Diante dessas inquietações, levantamos o seguinte questionamento: Como os jogos e brincadeiras de origem africana podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem das temáticas étnico-raciais na Educação Infantil? O objetivo geral desta pesquisa tem como eixo compreender as contribuições da utilização de jogos e brincadeiras para o ensino e aprendizagem das relações étnico-raciais na Educação Infantil, e os objetivos específicos foram: Apresentar exemplos de jogos e brincadeiras de origem africana que podem ser utilizados como ferramenta metodológica na Educação Infantil; Identificar as contribuições proporcionadas pela utilização de jogos e brincadeiras de origem africana na Educação Infantil e Investigar o posicionamento dos/as docentes quanto a utilização de jogos e brincadeiras de origem africana em sua prática pedagógica.

Este trabalho está organizado e subdividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo apresentamos a introdução da temática da pesquisa e a estrutura em que ela está configurada. O segundo capítulo intitulado “O brincar e suas implicações pedagógicas” aponta as contribuições da ludicidade para a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças, além de apresentar as características dos jogos e brincadeiras de origem africana e suas possibilidades educativas. O terceiro capítulo intitulado “Educação para as relações étnico-raciais: perspectivas de ensino e aprendizagem” tem como foco a legislação educacional vigente no Brasil referente às temática étnico-raciais. No quarto capítulo, intitulado “Percurso metodológico”, discorreremos sobre o percurso metodológico traçado para a construção desta pesquisa e, por fim, no quinto capítulo, intitulado “Análise e discussão dos dados”, apresentamos a análise e discussão dos dados obtidos a partir da pesquisa realizada, e em seguida, as nossas Considerações finais.

2 O BRINCAR E SUAS IMPLICAÇÕES EDUCATIVAS

O brincar faz parte da rotina da maioria das crianças. Nos momentos de diversão, elas desenvolvem o pensamento, fala, habilidades corporais, e também sociais, por isso podemos dizer que o simples ato de brincar, tão presente no cotidiano infantil, é um instrumento contribuidor para o desenvolvimento integral das crianças. Devido a sua grande relevância, o brincar deve ser estimulado pelos adultos, tanto no ambiente familiar quanto escolar.

Por vezes as brincadeiras infantis são interpretadas pelos adultos como algo banal e sem significado. Quando isso acontece, esses momentos de divertimento se tornam raros ou inexistentes, e o desenvolvimento infantil é afetado em muitos aspectos, prejudicando assim este indivíduo em processo de crescimento físico e intelectual.

Para Vygotsky (1988) o brincar é visto como uma atividade em que são produzidos significados sociais e também históricos do indivíduo e da sociedade em que ele se insere. Dessa forma, as brincadeiras passam a ser oportunidades em que a criança irá produzir e reproduzir aspectos da sua vivência e cultura.

Quando brincam, as crianças representam o mundo à sua volta e de forma imaginativa criam histórias e adentram em mundos novos, onde não há limites para a criatividade. Através do brincar, o indivíduo descobre e explora suas subjetividades e identidade, pois estará mostrando sua liberdade de criação e imaginação.

Sobre a relação existente entre o brincar e a subjetividade, Luckesi (2002, p. 2) explica:

Na vivência de uma atividade lúdica, cada um de nós estamos plenos, inteiros nesse momento; nos utilizamos da atenção plena, como definem as tradições sagradas orientais. Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis.

Como bem pontuado por este autor, o brincar é considerado como uma atividade saudável que traz bem estar para os seres vivos. Momentos lúdicos proporcionam alegria e a oportunidade de encontro com nós mesmos, onde nos conhecemos e construímos nossa identidade, seja através de brincadeiras, jogos, músicas ou qualquer outra forma. Em concordância com esta perspectiva, Winnicott (1975, p. 80) nos mostra que “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu”. Assim a subjetividade é um dos campos cognitivos altamente beneficiados pelos estímulos decorrentes do brincar.

A experiência lúdica exercita nossa capacidade de compaixão e atenção ao nos relacionarmos com as pessoas a nossa volta, pois ao estabelecermos constantemente o diálogo, nos colocamos no lugar de escuta, como também de fala. O exercício de ouvir permite conhecermos formas de pensar que diferem das nossas e assim, mesmo no momento da brincadeira ou jogo, adquirimos novos conhecimentos e aprendemos a respeitar regras que ajudam a manter a boa convivência em sociedade.

O jogo serve como base de muitas relações socioculturais ao redor do mundo. Ele é discutido e estudado em várias vertentes, mas dada a sua complexidade cultural “ninguém consegue defini-lo” (BROUGÈRE, 1998, p. 18).

Dentre as muitas concepções em relação ao “jogo”, Kishimoto (2011, p. 19) traz uma abordagem que explica que “enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui”. Desse modo, as diferenças construídas nas particularidades de cada sociedade resultam em diferentes concepções e atribuições destinadas aos jogos, assim, eles possuem vários significados.

Em concordância com essa ideia, Brougère (1998, p. 190) aponta que “o jogo é resultado de relações interindividuais, portanto de cultura”, então cada cultura define uma esfera de jogo e com características culturalmente instituídas. Assim também como os estudos de Huizinga (2010, p. 13), que mostram que “o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos”. Em suma, nota-se que não é possível definir com exatidão o conceito de “jogo”, pois esta atividade está intimamente ligada à sociedade e os aspectos da cultura que a integram.

No que tange as concepções de “brincadeiras”, a autora supracitada, Kishimoto (2011, p. 76-77) diz que é “através de suas brincadeiras e brinquedos que a criança tem a oportunidade de desenvolver um canal de comunicação, uma abertura para o diálogo com o mundo dos adultos”. As brincadeiras propiciam oportunidades de comunicação entre seus pares e uma aproximação com os adultos, tais oportunidades permitem a construção de vínculos que por vezes se dão de forma limitada em ocasiões em que não haja brincadeiras ou brinquedos envolvidos.

Segundo a autora supracitada, os brinquedos são entendidos como objetos que dão suporte para a brincadeira podendo atingir uma íntima relação com a criança, na qual muitas vezes cria-se um apego e afeto pelo objeto. Não é raro observarmos crianças levando seus brinquedos consigo para locais fora de casa, passeios e acompanhando as atividades da rotina, como por exemplo, nos espaços escolares.

Muitas vezes a relação entre criança e brinquedo se torna algo tão especial que algumas, mesmo depois de adultas, ainda guardam o objeto como recordação em sua casa, e ainda outras reservam tal objeto para repassar para as crianças da sua próxima geração familiar. De fato, os brinquedos possuem um valor importante para dar significado à infância e às memórias que levamos ao longo da vida. Ademais, os brinquedos são fornecedores de representações sociais, por isso ao fazerem uso deles as crianças têm diversas oportunidades de aprenderem e se apropriarem das mais diversas culturas existentes.

As contribuições dos jogos são amplas e benéficas para o desenvolvimento das crianças. Um dos grandes nomes da Psicologia da Aprendizagem, Piaget (1978, p. 46), defende que “o jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para resgatar energias, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo e moral”. De acordo com a concepção Piagetiana, podemos concluir que o lúdico se torna um instrumento essencial para que os indivíduos adquiram conhecimentos e atinjam a maturação de suas características biológicas e motoras, onde irão aguçar a inteligência de forma lúdica.

Vygotsky (1988, p. 184) enfatiza a importância das regras existentes nos jogos e brincadeiras, porque “ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade”. É na ação do brincar que as crianças, embora ainda pequenas, começam a perceber a existência das regras, o que serve como uma espécie de ensaio para a realidade, na qual irão se deparar em seu cotidiano.

De acordo com Brougère (1998), a cultura lúdica contém um conjunto de procedimentos que tornam possível a realização do jogo. Um desses procedimentos surge no contexto das relações interpessoais na qual o sujeito participa em um momento de troca, onde cada indivíduo possui a sua cultura lúdica e acrescentará no outro novos valores resultantes dessas trocas.

A criança constrói sua cultura lúdica brincando e, assim como toda cultura, ela é produto de interação social. O conjunto de sua experiência lúdica vai se acumulando ao longo da vida, e inicia-se desde as brincadeiras tidas na fase inicial, enquanto são bebês. Ao passo em que crescem, essa experiência lúdica vai sendo adquirida pela participação em jogos com seus pares, pela observação de outras crianças e pela manipulação cada vez maior de objetos.

Diante da indagação “Por que brincar?” a autora Moyles (2002, p. 20) responde que este ato tende a contribuir para o estímulo cognitivo e motor das crianças. Ela diz “é que ele garante que o cérebro – e nas crianças quase sempre o corpo – fique estimulado e ativo”. Assim, mente e corpo são estimulados por influência do brincar, pois ele atua integralmente. No entanto, não são apenas as crianças que se beneficiam das vantagens resultantes do brincar, pessoas em

qualquer faixa etária ao se depararem com experiências lúdicas podem desfrutar das sensações alegres e prazerosas que estas proporcionam, além das aprendizagens que advém das brincadeiras.

Para as pessoas adultas, o brincar pode proporcionar também um momento de fuga, “as vezes das pressões da realidade, ocasionalmente para aliviar o aborrecimento, e às vezes simplesmente como relaxamento ou como uma oportunidade de solidão muitas vezes negadas aos adultos [...]” (MOYLES, 2002, p. 21). Portanto, brincar não se limita a beneficiar apenas crianças, mas sim, a todas as pessoas que permitem vivenciá-lo independente de sua idade.

Dentre as vantagens do brincar, a autora anteriormente citada aponta que:

O brincar ajuda os participantes a desenvolver confiança em si mesmos e em suas capacidades e, em situações sociais, ajuda-os a julgar as muitas variáveis presentes nas interações sociais e a ser empático com os outros. Ele leva as crianças e adultos a desenvolver percepções sobre as outras pessoas e a compreender as exigências bidirecionais de expectativa e tolerância [...] (MOYLES, 2002, p. 22).

As oportunidades de socialização durante os momentos de brincadeira são propícias para desenvolver nas crianças ideias fundamentais de valores para a boa convivência, como a empatia e a tolerância.

Desde os tempos que remontam à antiguidade nota-se a presença de brincadeiras no cotidiano das pessoas, no meio familiar, comunitário e também educacional. Para além do divertimento, as brincadeiras tradicionais estavam intimamente ligadas ao processo educativo e cultural.

Desde tempos passados, a educação reflete a transmissão da cultura, o acervo de conhecimentos, competências, valores e símbolos. E entre os métodos de se transmitir esta cultura, há as brincadeiras tradicionais que até hoje, tem um objetivo muito importante na educação, por auxiliar no desenvolvimento motor, social e afetivo da criança (SANTOS; MATOS; ALMEIDA, 2009, p. 212).

Dentre suas várias funções, os jogos sempre foram instrumentos relacionados ao ensino e aprendizado. Ao ensinarem um jogo, os membros mais velhos de um grupo transmitiam e continuam a transmitir aos jovens uma série de conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural do grupo. Dessa forma, ao ensinarem um jogo, estão ensinando a própria vida e as formas de viver naquela sociedade em que se está inserido/a.

As formas de comportamentos são experimentadas e socializadas na interação, por isso pode-se afirmar a relevância do brincar para o desenvolvimento da própria identidade cultural na criança ao fazer uso de brincadeiras que são aprendidas ao longo das gerações, pois “é nesse

contexto que ela troca experiências e vai interiorizando os valores e costumes do seu grupo social, e assim irá internalizando e criando sua própria cultura” (SILVA; CARVALHO, 2012, p. 6). É brincando que se cria vínculos sociais com as outras pessoas e desenvolvemos os valores essenciais para uma inserção plena em nossa sociedade, a qual preza pela democracia.

A temática da ludicidade vem sendo discutida de forma abrangente no campo educacional, onde muitos/as profissionais concordam com o pensamento de teóricos e especialistas que defendem essa abordagem metodológica e afirmam os bons resultados decorrentes em aplicá-la.

Nos dias atuais ainda é válido inserir as metodologias lúdicas na educação pela gama de possibilidades que elas nos permitem alcançar. É de suma importância trabalhar a educação lúdica enquanto ferramenta que venha a possibilitar à criança uma formação livre, criativa, interativa, sempre permitindo estabelecer nessas ocasiões relações pessoais e interpessoais do ser brincante com o seu meio.

A escola é um ambiente privilegiado no que se refere à presença das diferenças culturais e sociais. Assim sendo, espera-se que neste espaço haja um amplo incentivo por parte da comunidade escolar, que inclui a gestão, o corpo docente e o quadro de funcionários/as para que a construção e efetivação do exercício da democracia venha a ocorrer.

É de suma importância levarmos em consideração o fato de que “o lúdico não ocorre no vazio, precisando de conteúdos, recursos e contextos que permitam o seu aprendizado e a sua manifestação e vivência” (CUNHA, 2016, p. 16). Então, não basta apenas prover de materiais lúdicos e brinquedos que chamem a atenção das crianças, é necessário antes refletirmos enquanto educadores/as qual tipo de aprendizagem almejamos proporcionar e alcançar junto com nossos/as estudantes.

De acordo com Moyles (2002), em algumas escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, o brincar é resumido a disponibilizar brinquedos e jogos para que as crianças utilizem após a realização das suas atividades pedagógicas obrigatórias. Nesses casos ocorre a dissociação entre brincar e estudar, perdendo de vista o uso das brincadeiras como uma metodologia de auxílio à aprendizagem. Assim, muitos/as profissionais e, conseqüentemente, estudantes, encaram as brincadeiras como uma mera recompensa por seu desempenho ou descanso dos deveres escolares, e não como uma atividade propriamente educativa.

A autora Moyles (2002, p. 18) explica que “o ensino e a aprendizagem bem-sucedidos de qualquer coisa dependem muito de o professor estar convencido dos méritos de uma determinada filosofia, método ou estilo”. Então, depois de refletir sobre a utilização da ludicidade, a prática pedagógica imbuída de intencionalidade e objetivos deve portanto ser

planejada e refletida criticamente antes de propormos uma atividade lúdica para as crianças em fase escolar.

Os/as educadores/as atuam ativamente como mediadores/as do conhecimento. Essa perspectiva é defendida por Vygotsky (1987), que afirma que a aprendizagem mediada acontece entre dois seres ao interagirem entre si. Nesse sentido, é o/a educador/a que assume a figura de agente mediador/a, e cabe a ele/a desenvolver um elo com a criança, que está na figura de aprendiz.

Por meio da mediação os/as educadores/as encaminham os/as estudantes para que possam alcançar os objetivos de aprendizagem e habilidades que foram cuidadosamente selecionados e planejados, como se estivesse “peneirando-os e ampliando-os para que tenham significações e, não somente, o atendimento das necessidades imediatas” (MOREL, 2003, p. 16). Portanto, o trabalho docente envolve selecionar e planejar os conteúdos disponibilizados ao corpo discente, visando atender suas especificidades educacionais. Para atuar como um/a educador/a mediador/a é preciso desempenhar algumas ações, tais como:

selecionar, filtrar, organizar, nomear e dar significado à aprendizagem mediada, onde realça-se a relação educador e aluno que são os grandes responsáveis pela eficácia de todo o trabalho, sem esquecer a importância do vínculo afetivo para o enriquecimento da autoestima, da autonomia, da aprendizagem e de seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional (MOREL, 2003, p. 16).

Diante o exposto, compreende-se que é de suma importância a presença da afetividade na relação existente entre professor/a e aluno/a, sendo ela um fator influente para a ocorrência da aprendizagem e para o desenvolvimento de seres autônomos e sociais. A demonstração de afeto no ato de educar também abre espaço para criar um relacionamento de parceria entre o/a educador/a e sua turma de educandos/as, onde será perceptível a quebra da ideia de que o/a docente é o único detentor do conhecimento no ambiente escolar.

Para contribuir com o fortalecimento da relação professor/a e aluno/a, as brincadeiras tornam-se uma ferramenta auxiliadora para trabalhar também os valores civilizatórios na educação. Investir em práticas que as contemplem permitirá aos/as educandos/as desenvolver a percepção acerca da ampla diversidade cultural existente no nosso país, além disso, também irão conhecer e experienciar culturas divergentes daquelas que foram aprendidas em casa.

É preciso então que o professor possa fazer o resgate das brincadeiras tradicionais no âmbito escolar infantil, de maneira que possa contemplar momentos de brincadeiras livres e dirigidas, dando a possibilidade das crianças fazerem suas escolhas para o que gostam ou não gostam neste brincar, dando a oportunidade de conhecerem nossa

cultura, que é tão viva e não pode ser esquecida, ou simplesmente ser apagada da memória e não passadas para as novas gerações (SILVA; CARVALHO, 2012, p. 12).

Nosso país é dotado de uma ampla diversidade cultural e grande parte dela é herança advinda dos povos que participaram na sua formação inicial. Dentre estes destaca-se os povos originários indígenas, africanos e europeus. Entretanto, o próximo capítulo destacará a influência da cultura africana e afrodescendente para a formação cultural brasileira no campo dos jogos e brincadeiras e as suas respectivas contribuições para a inserção de práticas educativas que prezam pela valorização da diversidade com enfoque na educação para as relações étnico-raciais, desde a Educação Infantil.

2.1 Jogos e brincadeiras de origem africana: Características e possibilidades

Conforme foi apresentado nas discussões anteriores, a ludicidade é um instrumento metodológico facilitador do processo de ensino e aprendizagem para os/as docentes de todas as áreas educacionais, tornando-se uma opção que apresenta resultados positivos para o desenvolvimento cognitivo, motor e social das crianças.

Ao pensarmos na escola enquanto local de construção de valores fundamentais para a vida em sociedade, não podemos deixar de notar a abundância de costumes, culturas e valores que habitam os espaços educacionais quando alunos e alunas de diferentes modelos e configurações familiares adentram tais locais a fim de desenvolver habilidades intelectuais e sociais. Esses indivíduos trazem consigo a própria bagagem cultural formada por suas experiências, vivências e saberes que foram adquiridos ao longo dos primeiros anos de vida, e que foram características contribuintes para formar a identidade de cada um/a.

A cultura africana se faz presente em nosso cotidiano, visto que muitos aspectos de práticas e costumes que temos hoje contém vestígios trazidos pelos povos africanos durante o extenso período de escravatura, que no Brasil durou quase quatro séculos. Apesar disso, para a grande maioria das pessoas não é fácil identificar a presença de tais aspectos historicamente adquiridos, isto se dá devido à falta de conhecimento ou em consequência da invisibilidade das discussões da temática envolvendo as relações étnico-raciais nos veículos de informação, recursos midiáticos e até mesmo na educação básica, dificultando o acesso da população aos debates e conhecimentos teóricos da temática que é interesse de todos/as.

Para se pensar em uma educação voltada à valorização das relações étnico-raciais é necessário destacar inicialmente a amplitude das características da cultura negra presentes em nossa sociedade. De acordo com Cunha (2016, p. 16), “falar de ludicidade africana e afro-

brasileira é remeter a vivência lúdica alimentada pelos conteúdos, valores, histórias, ritmos, enfim, pela cultura negra, em suas mais diferentes manifestações”. A musicalidade, culinária, vocabulário, religiosidade, jogos e brincadeiras e tantas outras áreas do nosso fazer cotidiano, que estamos habituados/as a vivenciar, são repletos de marcas e influências aprendidas com os povos africanos, mas que ao longo do tempo também sofreram modificações em virtude dos processos de trocas e misturas culturais.

A nossa herança cultural africana é visível no jeito de andar e no falar do brasileiro, pois: Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, traz quase todos a marca da influência negra [...] (FREYRE, 2006, p. 367).

Ao utilizar atividades lúdicas que se nutrem da cultura africana e afro-brasileira os/as profissionais da educação proporcionam aos/as educandos/as a aprendizagem do verdadeiro respeito à diversidade étnica e isso contribui para construção de uma identidade positiva de alunos/as negros/as e uma visão positiva por parte dos não-negros/as em relação aos colegas.

Ao fazer um breve recorte histórico das brincadeiras originadas no continente africano, não há registros específicos que expliquem como elas se iniciaram. Entretanto, fragmentos da literatura destinadas a área apontam que essas brincadeiras surgiram a partir do contato de negros/as, brancos/as e indígenas que popularizavam a região da colônia, que hoje conhecemos como Brasil. Sendo assim, essa mistura de culturas resultou em uma grande diversidade de brincadeiras.

Os registros documentais desse período também são escassos, o que dificulta a execução de pesquisas que respondam especificamente sobre como se deu o processo de surgimento das brincadeiras em nosso país. Segundo Bernardes (2013), a transmissão dos valores se dava de forma oral, principalmente por parte das mães negras que tinham crianças pequenas e desejavam educá-las de acordo com os valores do seu país de origem.

A miscigenação índio-branco-negro e a falta de documentação sobre os jogos dos meninos negros no período colonial dificultam a especificação da influência africana no folclore infantil. Entretanto, foi pela linguagem oral que a mãe-preta transmitiu para as crianças o conto, as lendas, os mitos, as histórias de sua terra (BERNARDES, 2013, p. 547).

As mães negras se preocupavam em repassar para suas crianças o máximo de valores culturais possíveis referente à sua terra de origem. A transmissão oral por meio de contação de mitos e lendas, os momentos de descontração com as cantigas, a representação das danças, onde

se reproduzia sons e ritmos com o bater dos pés, mãos e com os lábios, mantiveram a cultura africana viva e presente em meio àquela vivência repleta de sofrimento, tortura, trabalho escravo e condições de vida desumanas.

Ao brincar, as pessoas escravizadas incorporavam o que se passava no dia a dia, por isso algumas brincadeiras surgiram como reflexo da realidade imbuída de violência, espancamentos e fugas, como também refletiam o trabalho manual de cultivo da terra e a agricultura.

Até hoje, entre inúmeros jogos espalhados pelo Sudeste e Nordeste, regiões que se destacaram pelo cultivo da cana e uso de negros escravos, a cultura infantil preserva a brincadeira com as denominações: chicotinho, chicotinho queimado, cinturão queimado, cipozinho queimado, quente e frio e peia quente (REIS et. al., 2009, p. 9).

Quando brincadeiras com esse cunho aparecem no contexto escolar, é necessário tomar cuidado para que não ocorra o inverso à valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, pois elas enfatizam apenas o passado escravista, onde a figura da pessoa negra é vista somente como vítima e passiva a tudo que ocorreu. Todavia, a História nos mostra que houve resistência e esse povo lutou bravamente para reivindicar a abolição da escravatura até que ela viesse a acontecer de fato.

Promover uma prática educativa que se contrapõe aos discursos e práticas racistas é dever de toda a comunidade escolar, sobretudo, cabe aos/as educadores/as o comprometimento para enfrentar esse cenário desafiador. Cunha (2016, p. 19) explica que uma das atitudes a ser adotada nesse enfrentamento é criar o hábito de “pesquisar e selecionar jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras que permitam valorizar a diferença e não afirmar a brutalidade que marcou a chegada dos povos negros no Brasil”. Dessa forma a utilização do lúdico com a presença de jogos e brincadeiras de origem africana e afrodescendente irá desenvolver nos/as alunos/as um novo sentido às aprendizagens da cultura africana.

Como evidencia Cascudo (1985), os registros referentes ao brinquedo da criança africana feitos pelos viajantes europeus durante a vinda e estadia na recém colônia foram bem raros, isso levou os/as pesquisadores/as a acreditar que a população africana provavelmente aceitou as possibilidades lúdicas disponíveis neste dado período.

Grande parte das brincadeiras e jogos de origem africana são praticados em grupos e exigem a cooperação coletiva. Mesmo quando envolve competição, eles permitem a participação de muitas crianças jogando ao mesmo tempo, competindo em equipes ou individualmente, permitindo a elas aprender a trabalhar em equipe e seguir as regras existentes,

o que consta como uma habilidade de suma importância para crianças em fase de desenvolvimento psicomotor.

A partir das pesquisas feitas com base na literatura encontrada em Cunha (2016), selecionamos alguns exemplos de jogos e brincadeiras de origem africana e afro-brasileira que podem ser utilizados na Educação Infantil.

Uma das brincadeiras apresentadas pela autora chama-se “Terra – Mar”. Da forma que é realizada, esta brincadeira é uma adaptação de uma brincadeira popular de Moçambique. Embora simples, é muito atrativa para as crianças de todas as idades. Para preparar o local onde a brincadeira vai acontecer, deve-se riscar uma longa reta no chão para dividir dois lados. Um lado é a “Terra” e o outro “Mar”. No início todas as crianças podem ficar no lado da terra, mas ao ouvirem: ‘mar!’, todos pulam para o lado que foi delimitado para ser o mar, e ao ouvirem: “terra!” devem pular para o lado da terra. Quem pular para o lado errado ou fazer menção de pular sem ter sido feito o comando, deverá sair da brincadeira, e o último a permanecer será o vencedor.

Realizar essa brincadeira com as crianças pequenas permite aos/as professores/as da Educação Infantil trabalharem conceitos de noção espacial e lateralidade, como dentro e fora, além de aguçar o desenvolvimento motor com o exercício de pular. Para que possam pular para o lado correto, as crianças precisam usar a concentração e assimilação para identificar para onde o comando “terra!” ou “mar!” está indicando.

Após a brincadeira, as discussões podem ser voltadas para os aspectos geográficos e históricos de Moçambique e da profunda relação que o país tem com o mar por meio de atividades comerciais ao longo da costa marítima realizadas ali antes e após a chegada dos portugueses.

Outro exemplo interessante é o jogo intitulado “O silêncio é de ouro”, que é uma adaptação de um jogo criado no Egito. Para organizar o espaço do jogo as crianças devem estar posicionadas em círculo. O/a professor/a irá escolher uma delas para representar a figura do Faraó, e esta criança que será o “Faraó” andar no círculo fazendo alguns gestos engraçados ou se desejar também poderá tocar de leve em algumas das crianças sentadas. Se esta não fizer nenhum barulho ele deve passar para a próxima criança a esquerda desta e prosseguir com o mesmo gesto ou toque até passar por todas as crianças da roda. Se alguma criança fizer algum barulho enquanto o faraó estiver fazendo os gestos, esta assumirá o lugar do Faraó.

Após o jogo, o/a docente pode direcionar as discussões para a figura do Faraó, explicando suas funções e posição na estrutura política do antigo Egito. Essas discussões estão alinhadas a uma temática presente no currículo dos anos iniciais, as profissões. Assim, por meio

desse jogo as crianças poderão aprender sobre essa forma de governo ocorrida no Egito e comparar com as da nossa sociedade onde temos governantes políticos que administram o município, estado e país.

Encontramos outra brincadeira que pode ser reproduzida com crianças pequenas chamada “Meu querido bebê”. Ela foi adaptada de uma brincadeira infantil da Nigéria, que permite debates em torno do corpo e da corporeidade afro-brasileira a partir de desenhos feitos pelos/as participantes. Para começar o/a professor/a deverá escolher ou perguntar quem deseja participar, e a criança selecionada deve sair do local por alguns instantes enquanto escolhem outra criança para ser o “bebê”. O “bebê” irá deitar no chão, sob alguma cartolina ou cartaz em branco e os/as outros/as irão desenhar o seu contorno. Ao término do desenho o “bebê” se junta com as outras crianças e aquela que estava fora do local voltará para tentar descobrir quem é o “bebê” que foi desenhado naquele contorno. Se acertar quem foi a criança representada no desenho, pontua e continua em uma nova rodada, mas caso erre, outra assumirá o seu lugar e assim a brincadeira se repete.

Essa brincadeira permite ao/a educador/a discutir junto com sua turma sobre as diferenças e características corporais que cada criança naturalmente possui, além de trabalhar a temática da Identidade, essencial na Educação Infantil. A brincadeira pode ter uma variação onde é possível solicitar que além de realizar o contorno, elas também podem desenhar outros elementos corporais como os cabelos, traços físicos. Em seguida, o/a educador/a pode atuar como mediador/a, instigando nas crianças a curiosidade e observação das diferenças encontradas nas produções. Com isso a mediação pode levar as discussões para o enfoque na diversidade de traços físicos e raciais das crianças e estimular a construção da autoestima sobre o corpo negro, mostrando a beleza dos traços físicos afro-brasileiros, como a cor e o cabelo.

“Acompanhe meus pés” é outro exemplo de uma brincadeira infantil originada no continente africano, no Zaire. A organização dos/as participantes deve ser de forma circular, de pé. Uma criança deve ser escolhida para ser o/a líder e ficará dentro da roda cantando e batendo palmas, mas em algum momento ela irá parar na frente de uma das crianças e fará algum movimento de dança. Se a outra criança conseguir imitar os passos ela se torna o/a novo/a líder, caso não consiga ou erre, o/a líder escolherá outra criança e repete a dança.

Depois da brincadeira, o/a professor/a poderá apresentar a influência da cultura afro e afro-brasileira na musicalidade do povo brasileiro, além de explicar sobre o papel da musicalidade como um dos valores civilizatórios que devemos aprender. É válido destacar ainda que as crianças africanas gostam de cantar e dançar, inclusive com coreografias que

exigem coordenação, flexibilidade e equilíbrio, e através de brincadeiras com essas características essas habilidades são estimuladas nas crianças.

Outra brincadeira de nome “Kasha mu bukondi”, que significa “Caça ao antílope” traz uma adaptação de uma brincadeira do Congo. Os/as participantes deverão formar um círculo e dar as mãos. Uma criança deve ser escolhida para ser o Kasha (antílope) e vai para o meio da roda, e as outras de mãos dadas repetem várias vezes as palavras “Kasha mu bukondi”, que em português significa “Antílope na rede”, enquanto o/a prisioneiro/a tenta sair do círculo. As crianças do círculo tentam evitar que ele/a fuja, se unindo e fechando a passagem. Quando ele/a conseguir fugir, elas devem repetir mais uma vez “Kasha mu bukondi” (“Antílope na rede”), e depois saem em perseguição ao fugitivo/a. Quem conseguir captura-lo/a vai para o meio do círculo dando continuidade ao jogo.

Com essa brincadeira pode-se apresentar a temática sobre os animais presentes no continente Africano, como o exemplo do antílope. Em sequência, o/a professor/a poderá levantar a questão da caça ilegal e explicar para as crianças as consequências que essa prática traz, como a extinção das espécies. A partir deste tema o/a docente pode aprofundar outras questões sobre responsabilidade ambiental, cuidado com os animais e com o planeta. Para contribuir ainda mais com a fixação do conteúdo, o uso de animações e filmes sobre a temática pode ser uma escolha metodológica com resultados positivos.

Diante dos exemplos apresentados percebe-se que os jogos e brincadeiras de origem africana contribuem de forma significativa para o ensino e aprendizagem das temáticas referidas à educação para as relações étnico-raciais na Educação Infantil, onde de forma lúdica e prazerosa, as crianças poderão aprender sobre aspectos da cultura afro-brasileira e africana, bem como desenvolver habilidades voltadas para socialização, concentração, respeito às regras e trabalho em equipe.

O capítulo seguinte abordará as questões envolvidas na efetivação da educação para as relações étnico-raciais e suas perspectivas de ensino e aprendizagem em adequação à legislação educacional vigente no país.

3 EDUCAÇÃO PARAS AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PERSPECTIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Questões que norteiam os vários aspectos relacionados com a cultura africana e afro-brasileira vêm ganhando espaço nas discussões educacionais, através de debates, pesquisas, reflexões teórico-práticas, a temática das relações étnico-raciais está sendo discutida e acolhida por profissionais da educação de todas as áreas e níveis.

A necessidade de se pensar e incluir na base das instituições escolares um modelo de educação que se debruce sobre as temáticas étnico-raciais é percebida ao observarmos a sociedade que compõe o nosso país, onde há índices alarmantes de desigualdade social e racial, e infelizmente, marcadores raciais e econômicos influem ativamente no acesso à qualidade de vida, moradia e educação.

Por estar inserida em uma sociedade desigual e racista, a escola não está isenta de ser uma instituição que também reproduz desigualdades raciais e privilegia a narrativa das classes tidas como privilegiadas, embasadas em um discurso que preza pelo modelo eurocêntrico, ou seja, o europeu, e invisibiliza a história e cultura das nossas raízes.

Não é raro deparar-se com conflitos e discriminações envolvendo crianças negras dentro do ambiente escolar. É notável a baixa frequência de projetos pedagógicos que visem orientar esses indivíduos para conviver em uma sociedade onde o desrespeito continua se perpetuando com o passar dos séculos, pondo de lado a valorização da própria identidade e raízes culturais, aspectos que apresentam lacunas nos currículos institucionais.

E ainda no que se trata de educação escolar, como uma forma de consciência e conhecimento sobre diversos povos que formam o Brasil, esta deveria ter como papel principal trabalhar com o respeito, a coletividade e os valores centrais que regem as etnias como suas culturas. Entretanto, para a maioria das instituições de ensino em nosso país, esta postura que atenta para a pluralidade de saberes não está sendo colocada em prática (OLIVEIRA; GOULART, 2012, p. 568).

Abordar a temática étnico-racial envolve mais do que promover celebrações em datas comemorativas do calendário, como no 20 de novembro, Dia da Consciência Negra e 13 de maio, data da Abolição da escravidão no Brasil. Discutir essas datas deve ser algo inserido nas atividades rotineiras do currículo e ter articulações interdisciplinares, ao invés de serem abordadas de forma isolada. Para tanto, é necessário que o corpo docente encare essas oportunidades como “momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional” (MUNANGA, 2005, p. 15). Desse modo, as discussões pautadas na

valorização da diversidade cultural são oportunidades de ensino e aprendizagem sobre a identidade pessoal e coletiva.

Tornar possível a efetivação de práticas pedagógicas que contemplem de forma positiva a participação da população negra e de suas contribuições geradas para compor a diversidade cultural tão rica que temos contribuir para a construção de uma perspectiva de aceitação e autoafirmação nas crianças negras. Rosolem e Guerra (2013, p. 88) explicam:

Através do conhecimento de que a sociedade é formada pela diversidade e do entendimento de que essa diversidade tem importante contribuição e deve, portanto, ser respeitada e valorizada, a criança se sentirá pertencente e orgulhosa de suas origens, não permitindo ser afetada por discriminações e preconceitos. Deste modo, seu comportamento e atitudes serão de igualdade e respeito, contribuindo para a cidadania.

Desse modo, ao trabalhar a cultura africana e afro-brasileira na Educação Infantil fortalece nas crianças, sejam elas negras ou não, valores como o respeito, solidariedade e o desenvolvimento do aspecto socioemocional, uma vez que estamos lidando com sentimentos e subjetividades.

Conforme se tem observado, o cenário encontrado em grande parte das escolas dificulta a realização de um trabalho que contribua para a (des)construção de práticas racistas e discriminatórias. Os materiais didáticos, em sua maioria, trazem a representação da pessoa negra como escravizada, em situações de vida subalternas ou com emprego considerados menos importantes pela sociedade. Essas narrativas preconceituosas se repetem também nas mídias, com filmes, séries e propagandas com a representação da pessoa negra numa visão negativa ou digna de pena.

Silva (2005) enfatiza que o texto curricular contido nos livros didáticos, orientações curriculares oficiais, rituais escolares e datas comemorativas está recheado de narrativas étnicas e raciais. Entretanto, muitas vezes essas narrativas confirmam o privilégio das classes dominantes e tratam as identidades dominadas como exóticas e folclóricas, conservando as marcas negativas deixadas pela época colonial do Brasil.

Para este autor, a questão étnico-racial é uma questão central de conhecimento, identidade e relações de poder, e este conhecimento incorporado no currículo não pode ser divergente ao que os/as estudantes vivenciam no tempo presente, o hoje.

Para Silva e Santos (2013, p. 162):

As possibilidades de trabalhar a cultura africana e afro-brasileira na escola começaram a ser vistas como forma de resgatar valores e culturas antes discriminadas pela

sociedade. Óbvio que, para permitir ao aluno o acesso à construção de conhecimento das matrizes africanas, as instituições deviam oferecer um acervo bibliográfico bastante diversificado sobre esta temática; os livros didáticos deviam estar atualizados aos parâmetros curriculares exigidos pelo MEC e pela Constituição, que obriga todas as escolas de Ensino Fundamental e Médio a se organizarem e a discutirem essa nova diretriz de base.

Diante esse cenário, se faz necessário realizar mudanças nos instrumentos que auxiliam o trabalho pedagógico realizado nas escolas, substituindo os materiais que não atendem às necessidades da comunidade escolar por produções atualizadas que visem a efetivação da educação para as relações étnico-raciais, a qual preza pela ressignificação positiva da história dos povos africanos e afro-brasileiros.

3.1 Legislação educacional brasileira: Caminhos para a construção de uma educação antirracista

Ao adentrarmos nos estudos voltados à questão da educação para as relações étnico-raciais, encontramos na legislação educacional vigente no Brasil a presença de diretrizes e orientações educacionais que servem como base para que a educação percorra caminhos para se chegar em um modelo de educação menos racista e discriminatória. Apresentaremos alguns documentos legais e diretrizes curriculares que mais se apropriam para a discussão da temática em questão.

Para iniciar, citamos a Constituição Federativa do Brasil de 1988, um documento que abrange a todas as instâncias do país e indica os princípios que regem nossa sociedade, contendo orientações que incluem também o âmbito da educação.

A Constituição Federativa (BRASIL, 1988) aborda em seu Artigo 215º a incumbência dada ao Estado de proteger as manifestações culturais presentes no nosso país, o que inclui a cultura afro-brasileira. Neste Artigo consta o seguinte: § 1º “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (BRASIL, 1998). Desse modo, está posto o reconhecimento da participação dos povos africanos no processo formativo do país, dessa forma a sociedade também deve reconhecer a importante participação que a população africana teve na formação do Brasil que conhecemos hoje. Tendo em vista o papel das instituições educativas de tornar o conhecimento acessível à população, esse reconhecimento também deve ser apresentado e discutido nas escolas.

A partir dos princípios da Constituição Federativa de 1988, foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/96, de 1996, documento que regulamenta o sistema educacional do nosso país, tanto na instância pública quanto privada.

A LDB nº 9.394/96 apresenta em seu Artigo 3º os princípios que conduzem a educação, tais como: “II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância” (BRASIL, 1996, p. 9). A partir disso é defendida uma perspectiva de educação para a diversidade nos princípios de respeito à liberdade de pensamento, à pluralidade cultural e concepções pedagógicas que prezam pela tolerância.

A legislação educacional dispõe também do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI volume 1 (BRASIL, 1998), que traz em sua introdução as características gerais do documento, que configuram-se em um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam contribuir com a implementação de práticas educativas de qualidade, visando promover as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras. Os princípios que regem o referido documento envolvem:

o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.;

o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil; o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;

a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma;

o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade (BRASIL, 1998, p. 13).

Esses cinco princípios contemplam muitos valores prezados pela educação étnico-racial, pois visam o respeito pelas diferenças culturais e étnicas sem discriminação, o direito a brincar como oportunidade de interação e socialização e desenvolvimento da identidade dos sujeitos, e estes devem servir para nortear o modelo de ensino ofertado pelas instituições de Educação Infantil, que atendem crianças pequenas, nos espaços das creches e Centros de Referência em Educação Infantil (CREI's).

O eixo “Brincar” aborda as contribuições do brincar para as crianças nesta fase de desenvolvimento intelectual e físico, e destaca que é de suma importância oferecer experiências educativas diversas, destacando as brincadeiras que ocorrem por meio de uma intervenção direta por parte do/a educador/a.

Assim como já destacado anteriormente, diversos/as autores/as apontam que o brincar resulta em benefícios para os indivíduos que se permitem experimentá-lo. Em consonância a esta perspectiva, o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 27) destaca que a “brincadeira favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa”. O brincar permite que as crianças atribuam papéis sociais que já conhecem e internalizem novos modos de se comportar.

Ao analisar o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - volume 3 (BRASIL, 1998), destacamos um eixo de trabalho denominado “Natureza e Sociedade”, que reúne temas pertinentes ao mundo social e natural, no qual preza pelas especificidades dos campos das Ciências Humanas e Naturais.

Um dos objetivos proposto para crianças de zero a três anos de idade enfatiza a “participação em atividades que envolvam histórias, brincadeiras, jogos e canções que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outros grupos” (BRASIL, 1998, p. 177). Assim, ao utilizar jogos e brincadeiras originalmente instituídos pelos povos africanos, o processo de ensino e aprendizagem perpassará por atividades lúdicas atrativas e adequadas para a faixa etária das crianças, que se sentirão atraídas a participar desses momentos de aprendizagem sobre sua comunidade e os diferentes grupos que lhe cercam.

A utilização de recursos lúdicos, como as brincadeiras e jogos tradicionais é reforçada em outro momento, quando o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 179) aborda a importância da atuação do/a docente pesquisador/a das temáticas da diversidade.

O professor deve propiciar o acesso das crianças a esses conteúdos, inserindo-os nas atividades e no cotidiano da instituição. Fazer um levantamento das músicas, jogos e brincadeiras do tempo que seus pais e avós eram crianças pode ser uma atividade interessante que favorece a ampliação do repertório histórico e cultural das crianças.

O levantamento de materiais teóricos permitirá a este/a profissional conhecer e se preparar para estar apto/a para inserir em seu planejamento pedagógico alguns modelos de jogos e brincadeiras de origem africana e afrodescendente e ampliar as discussões sobre diversidade étnica e cultural com as crianças.

As orientações didáticas para os/as educadores/as destacam de forma nítida a necessidade de se incluir na Educação Infantil a construção do respeito às diferenças e a intolerância à discriminação. Consta o seguinte:

Deve se ter sempre a preocupação para não expor as crianças a constrangimentos e não incentivar a discriminação. O professor deve eleger temas que possibilitem tanto

o conhecimento de hábitos e costumes socioculturais diversos quanto a articulação com aqueles que as crianças conhecem, como tipos de alimentação, vestimentas, músicas, jogos e brincadeiras, brinquedos, atividades de trabalho e lazer etc. Assim, as crianças podem aprender a estabelecer relações entre o seu dia-a-dia e as vivências socioculturais, históricas e geográficas de outras pessoas, grupos ou gerações (BRASIL, 1998, p. 182).

Como posto acima, novamente é citado o uso de jogos e brincadeiras como recurso para auxiliar o ensino e aprendizagem dos costumes e saberes socioculturais das gerações passadas e presentes.

Logo, é dever da instituição de Educação Infantil tornar acessível os elementos da cultura que irão enriquecer o desenvolvimento e inserção social do público ao qual presta assistência. Dessa forma, segundo Brasil (1998, p. 23) ela “cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas”.

Outro documento legal vigente no sistema educacional nacional é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) instituída em 2018. Como o próprio nome sugere, esse documento serve como base estruturante para o ensino em todos os níveis educacionais do país. A BNCC contempla a pauta da educação para relações étnico-raciais já em sua introdução, pontuando a autonomia que as instituições dispõem quanto as propostas curriculares elaboradas e ofertadas. No entanto, a BNCC (BRASIL, 2018) destaca que as propostas pedagógicas devem incorporar temas que afetam a vida cotidiana, dando destaque as necessidades locais e regionais das instituições. Entre esses temas, estão inclusos a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena.

A BNCC apresenta os direitos de aprendizagem e desenvolvimento que os/as alunos/as da Educação Infantil devem desenvolver, entre eles estão o brincar, explorar e conhecer-se. Estes direitos mostram que as brincadeiras devem fazer parte das atividades realizadas durante o processo de ensino e aprendizagem, incluindo a exploração e ampliação dos saberes sobre as culturas que se permeiam dentro e fora da escola, além de promover o autoconhecimento, ajudando as crianças a conhecerem e construir tanto a sua identidade, como também a identidade social e cultural.

Para nortear os conhecimentos e habilidades que devem ser desenvolvidos na Educação Infantil, a BNCC apresenta cinco campos de experiência onde são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências são definidos como “um arranjo que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2018,

p. 40). Assim, os cinco campos de experiência são: “O eu, o outro e o nós”, “Corpo, gestos e movimentos”, “Traços, sons, cores e formas”, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”. No entanto, iremos destacar apenas dois deles, nos quais constam objetivos de aprendizagem e desenvolvimento relacionados aos valores que devem ser contemplados na educação étnico-racial, no âmbito da Educação Infantil.

O campo de experiência “O eu, o outro e o nós” enfatiza a importância de criar oportunidades de socialização entre as crianças e os variados grupos sociais e culturais existentes e conhecer modos de vida e costumes diferentes do que estão habituadas. Ao participar de experiências pedagógicas que permitam tais aprendizagens, as crianças “podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e ao outro, valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos” (BRASIL, 2018, p. 40). Com isso, as crianças irão aprender a valorizar sua própria identidade e respeitar as diferenças existentes nas outras pessoas, independentemente das características étnicas que possuam.

Para exemplificar, destacamos o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI03EO05, que envolve “Demonstrar valorização das características de seu corpo e respeitar as características dos outros (crianças e adultos) com os quais convive” (BRASIL, 2018, p. 45), e o objetivo EI03EO06, que envolve “Manifestar interesse e respeito por diferentes culturas e modos de vida” (BRASIL, 2018, p. 46).

Já o campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos” aborda a relevância, na Educação Infantil, de conhecer o corpo e de se movimentar através de gestos, danças, atividades motoras e lúdicas, o que inclui a presença das brincadeiras. Através da aprendizagem sobre os aspectos de sua corporeidade, as crianças “estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade (BRASIL, 2018, p. 41). Portanto, ao aprender sobre o corpo por meio dos gestos e movimentos, dançando ou brincando, as crianças podem conhecer aspectos culturais e estabelecer conexões com saberes diversos. Para tanto, destacamos o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento EI02CG01, que contempla de forma clara as questões voltadas à corporeidade e a utilização de jogos e brincadeiras, no qual propõe “Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras” (BRASIL, 2018, p. 47).

Conforme o exposto, percebe-se que as temáticas das relações étnico-raciais se fazem presentes de forma sucinta em algumas das habilidades e objetivos de aprendizagens e desenvolvimentos previstos na BNCC no que se refere à Educação Infantil. Tendo em vista essa

lacuna, os/as docentes necessitam buscar orientações em outros documentos que tratem mais especificadamente da temática.

Para tratar de forma específica sobre a educação para as relações étnico-raciais, foi elaborado as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, MEC, 2004, p. 31), que se constituem em:

(...) orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.

Conforme a colocação acima, as Diretrizes apresentam orientações e princípios para auxiliar o planejamento e a efetivação de uma educação que ajude a formar cidadãos e cidadãs com consciência da sua identidade étnica, capazes de reconhecer e encarar de forma positiva a pluralidade presente na sociedade brasileira.

Com foco nas relações étnico-raciais, a educação poderá promover trocas menos excludentes. “Assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime” (BRASIL, MEC, 2004, p. 14). Para que isso venha a ocorrer, os/as agentes da educação precisam estar qualificados/as para ofertar uma aprendizagem de qualidade e que faça sentido para a realidade vivenciada pelos/as estudantes que se autoidentificam como negros/as ou não.

Diante disso, urge a necessidade de melhorias no quesito formativo do corpo de professores/as por parte das Secretarias de Educação, para que passem a promover com mais regularidade momentos de formação continuada, através de cursos de curta duração, eventos ou projetos curriculares que estejam de acordo com as necessidades locais. Segundo as Diretrizes:

Daí a necessidade de se insistir e investir para que os professores, além de sólida formação na área específica de atuação, recebam formação que os capacite não só a compreender a importância das questões relacionadas à diversidade étnico-raciais, mas a lidar positivamente com elas e, sobretudo criar estratégias pedagógicas que possam auxiliar a reeducá-las (BRASIL, MEC, 2014, p. 17).

Promover este tipo de formação é de extrema importância para orientar os/as profissionais para a atuação pedagógica podendo aplicar os princípios destacados tanto neste documento legal quanto nos demais.

Ademais, também é vigente a Lei Federal nº 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003), onde consta a obrigatoriedade da inclusão do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana em todos os níveis educacionais na educação básica, seja ela ofertada em uma instituição pública ou privada.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, MEC, 2004, p. 20) destacam que a referida Lei tem por objetivo “o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das raízes africanas da nação brasileira”. Dessa forma, a abordagem apresentada nas escolas em relação aos povos negros e sua história passa a ter um caráter diferente do que foi ensinado e repetido ao longo de décadas, no qual a figura da pessoa negra foi retratada apenas como escravizada e inferiorizada.

Com a Lei 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) a cultura afro-brasileira ganha destaque nas atividades curriculares. Ademais, em sua proposta o ensino não se limita para as discussões nas disciplinas de História e Artes, mas sim, de forma interdisciplinar e lúdica, como “em atividades curriculares ou não, trabalhos em salas de aula, nos laboratórios de ciências e de informática, na utilização de sala de leitura, biblioteca, brinquedoteca, áreas de recreação, quadra de esportes e outros ambientes escolares” (BRASIL, MEC, 2004, p. 21). Sendo assim, as oportunidades são amplas para desenvolver diversos tipos de atividades que levem em conta a realidade de cada instituição escolar.

É importante ressaltar que os ganhos no cenário legislativo educacional não aconteceram de forma espontânea e rápida, mas sim, através de muitas reivindicações por parte de grupos organizados, compostos principalmente por pessoas negras, que têm buscado ativamente ocupar espaços em todos os âmbitos da sociedade e a garantia dos direitos humanos comum a todas as pessoas, como é o caso do direito à Educação.

No capítulo seguinte apresentaremos o percurso metodológico utilizado na construção desta pesquisa, onde foram descritos as características, os sujeitos participantes e o instrumento selecionado para a realização das análises dos dados obtidos.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo apresentaremos os aspectos metodológicos desta pesquisa, bem como suas características, métodos, sujeitos participantes e o instrumento utilizado para a obtenção e análise dos dados.

4.1 Tipo de pesquisa

No que se refere aos aspectos metodológicos, este estudo caracteriza-se, quanto a abordagem, como pesquisa qualitativa em educação, que segundo Oliveira (2008, p. 41), pode ser definida como sendo

um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo a sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva.

Optamos por este tipo de pesquisa porque buscamos obter dados que contemplassem as experiências pessoais dos sujeitos, suas motivações e opiniões acerca da temática em estudo, para através destes, refletir criticamente sobre as respostas encontradas.

Como método de procedimento utilizamos o Estudo de caso, pois este estudo investigativo tem como foco analisar um caso em específico. De acordo com Oliveira (2008, p. 61-62), esse método permite um “estudo aprofundado a fim de buscar fundamentos e explicações para determinado fato ou fenômeno da realidade empírica”. Desse modo, se tornou possível a compreensão dos dados de forma mais ampla, priorizando não apenas os dados quantitativos.

4.2 Caracterização dos sujeitos

A pesquisa foi realizada em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), uma instituição municipal, localizado em Sapé-PB. O CREI foi construído em 2016 e atende moradores da comunidade local, num bairro periférico da região. O CREI atende crianças de 0 a 5 anos e é dividido nas seguintes turmas: Berçário A e B, Maternal I A e B, Maternal II A e B, Pré I A e B, Pré II A e B. No entanto, os sujeitos participantes da pesquisa foram 3 professoras atuantes, uma pequena amostra do corpo docente.

Para manter o anonimato, iremos chamá-las de Professora 1, Professora 2 e Professora 3, ambas atuam nas turmas do Maternal I e III.

Em relação aos perfis das professoras colaboradoras podemos destacar aspectos referentes à formação e tempo de atuação docente. A Professora 1 é responsável pela turma do Maternal I A, é licenciada em Pedagogia desde 2019 e sua atuação na Educação Infantil é recente, com apenas 10 meses de experiência. A Professora 2 é responsável pela turma do Maternal I B, é licenciada em Pedagogia desde 2007 e atua na Educação Infantil há 12 anos. Já a Professora 3 é responsável pela turma do Maternal II, é licenciada em Pedagogia desde 2019 e sua atuação na Educação Infantil também é recente, de apenas 09 meses.

4.3 Etapas da pesquisa

A coleta dos dados ocorreu entre os dias 10 e 15 de setembro do presente ano. Para preservar a saúde das colaboradoras em virtude da pandemia da Covid-19, optamos pela realização das entrevistas realizadas de forma on-line e individualmente com cada uma das participantes, por meio do aplicativo *Whatsapp*. Assim, as falas das entrevistadas foram registradas através do recurso de áudios disponível no aplicativo.

4.4 Instrumentos da pesquisa

Para a coleta de dados optamos pelo uso de entrevistas, que foram realizadas de forma virtual através do aplicativo *WhatsApp*, isto se deu pelo fato de estarmos em situação de distanciamento social devido a pandemia da Covid-19, onde não é seguro encontrar-se pessoalmente com as pessoas sem fazer uso das devidas medidas de prevenção. O registro das falas das entrevistadas foi feito por meio dos áudios enviados no *WhatsApp*, para garantir a credibilidade dos dados obtidos.

Segundo Minayo (2010, p. 261-262) a entrevista “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. A partir disso, elaboramos um roteiro para nortear o diálogo durante a realização das entrevistas.

O roteiro contém 08 perguntas abertas, divididas em 03 blocos. O primeiro bloco de perguntas refere-se ao uso do lúdico na prática pedagógica das docentes, o segundo sobre a aplicabilidade da Lei Federal 10.639/03, e o terceiro sobre a relação da ludicidade com a educação étnico-racial.

No capítulo a seguir apresentaremos as respectivas análises e interpretações acerca dos dados obtidos através das entrevistas realizadas.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo apresentaremos a análise dos dados obtidos a partir das questões aplicadas no instrumento de pesquisa, onde buscamos interpretar as respostas das docentes participantes e categorizá-las.

A análise e a discussão dos dados têm como norteador o Quadro de Categorias (Quadro 1), construído com base no referencial teórico-metodológico de Bardin (2011), a Análise de conteúdo. Este quadro está dividido em Dimensões, Categorias e Unidades de Sentido, no qual foram desenvolvidos itens a partir das respostas das entrevistadas e categorizados para proporcionar uma visão mais ampla dos dados.

QUADRO 1: QUADRO DE CATEGORIAS

DIMENSÕES	CATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
1° LUDICIDADE	1° PRÁTICA DOCENTE	1° Atividades lúdicas cotidianas
		2° brinquedos com materiais diversos
	2° PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE O LÚDICO	1° Processo de aprendizagem
		2° Estímulo do desenvolvimento infantil
	3° PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	1° Atividade prazerosa
		2° Motivação
2° QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS	1° APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03	1° Atividades desenvolvidas nas aulas
		2° Datas comemorativas
	2° JOGOS E BRINCADEIRAS DE ORIGEM AFRICANA	1° Brincadeiras ressignificadas
		2° Recursos e Métodos
	3° DIVERSIDADE DA CULTURA AFRICANA	1° Heranças culturais afro brasileiras
		2° Respeito às diferenças

Fonte: A autora (2021)

A partir de agora apresentaremos as análises dos dados, que foram produzidas com base no quadro de categorias, nas seções a seguir.

1º DIMENSÃO DE ANÁLISE: LUDICIDADE

A primeira dimensão de análise é referente à ludicidade, visto que muitos questionamentos da entrevista foram norteados sob a perspectiva da sua utilização. Nesta dimensão, foram trabalhadas as temáticas referentes ao uso da ludicidade na prática docente, onde buscamos compreender a visão das professoras entrevistadas sobre as contribuições que a utilização do lúdico traz para a sua atuação pedagógica, sobretudo com as crianças da Educação Infantil.

Nesta dimensão foram desenvolvidas três categorias de análises, que são: “Prática docente”, “Percepção docente sobre o lúdico” e, por último, “Participação das crianças”. Dessa forma, as análises serão apresentadas a seguir:

1º CATEGORIA DE ANÁLISE: PRÁTICA DOCENTE

A primeira categoria de análise abarca os aspectos da utilização da ludicidade na prática docente das participantes. As três docentes afirmaram utilizar o lúdico e inserir atividades que valorizam os aspectos que o envolvem. Sendo assim, nesta categoria foram desenvolvidas duas Unidades de sentido: a primeira foi intitulada “Atividades lúdicas cotidianas”, e a segunda “Brinquedos com materiais diversos”.

1º Unidade de sentido: Atividades lúdicas cotidianas

Ao questionarmos sobre a frequência com que elas utilizam o lúdico, ambas responderam que fazem isso cotidianamente. A professora 1 diz:

Eu procuro inserir no meu cotidiano escolar, na minha prática escolar, sempre o lúdico. A partir do meu processo mediativo procuro desenvolver o lúdico cotidianamente (PROFESSORA 1, APÊNDICE B).

Entretanto, a Professora 2 respondeu de forma mais específica, ao dizer que faz uso do lúdico aproximadamente três vezes por semana:

Eu costumo sim usar o lúdico nas minhas práticas pedagógicas sempre que possível, aproximadamente umas 3 vezes por semana no mínimo (PROFESSORA 2, APÊNDICE C).

No caso da Professora 3, ela explicou que busca propor atividades lúdicas semanalmente:

Sim, eu busco propor atividades lúdicas semanalmente (PROFESSORA 3, APÊNDICE D).

Com isso, percebe-se a frequência regular e contínua da utilização da ludicidade no dia a dia das atividades na Educação Infantil das entrevistadas. Segundo Kishimoto (2010, p. 1):

para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidade por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar problemas e criar.

Conforme explicitado pela autora, brincar é a atividade principal do cotidiano das crianças, por isso inserir as brincadeiras no cotidiano escolar é um instrumento que contribui com as aprendizagens adquiridas pelas crianças, aprendizagens que envolvem se conhecer e conhecer o/a outro/a, conhecer o corpo e criar novas possibilidades de se expressar. Isso se torna possível quando o/a docente prioriza pela utilização das brincadeiras lúdicas de forma contínua.

2º Unidade de sentido: brinquedos com materiais diversos

Para a realização das atividades lúdica, alguns materiais, como os brinquedos, podem ser utilizados como apoio pedagógico, estes por sua vez são entendidos como objetos que dão suporte para a brincadeira podendo atingir uma íntima relação com a criança, segundo Kishimoto (2011).

Neste sentido, a Professora 3 explicou que costuma produzir por conta própria alguns brinquedos para utilizar como recurso pedagógico e costuma também propor atividades que estimulam a produção de brinquedos com materiais que as famílias possuem em casa e materiais reciclados. Ela diz:

Essas atividades são personalizadas de acordo com a realidade da turma. Eu penso nos materiais que eles têm em casa para produzir brinquedos com materiais reciclados, por exemplo. Toda essa parte lúdica é pensada com muito carinho, tudo é planejado e há uma intencionalidade (PROFESSORA 3, APÊNDICE D).

Diante dessa fala, entende-se que planejar atividades que se adequam a realidade vivenciada pelas famílias dos/as estudantes é de suma importância, porque dessa forma será possível que elas participem ativamente na realização das atividades propostas pela docente, contribuindo também para que a aprendizagem seja mais significativa para essas crianças, de acordo com a intencionalidade empregada no momento de planejamento e elaboração das atividades.

2° CATEGORIA DE ANÁLISE: PERCEPÇÃO DOCENTE SOBRE O LÚDICO

Nesta categoria buscamos compreender qual a percepção das docentes acerca das contribuições advindas da execução das práticas lúdicas. A partir das falas obtidas foram desenvolvidas duas Unidades de sentido: a primeira intitulada “Processo de aprendizagem” e a segunda “Estímulo do desenvolvimento infantil”.

1° Unidade de sentido: Processo de aprendizagem

Quando questionamos sobre as contribuições percebidas pela utilização do lúdico, observamos que houve um consenso nas opiniões expressadas pelas docentes, pois ambas afirmaram que inserir metodologias lúdicas influenciam de forma positiva no processo de aprendizagem, tornando-a significativa e prazerosa. A Professora 1 diz que:

a partir do lúdico que a criança vai realmente aprender e que ela vai ter uma aprendizagem significativa (PROFESSORA 1, APÊNDICE B).

A alusão ao processo de aprendizagem também se fez presente na fala da Professora 2, onde ela destaca a utilização de uma atividade lúdica, a exemplo das brincadeiras:

O universo de brincadeiras direcionadas, planejadas elas têm uma aceitação bastante decisiva, certo? Pois ela auxilia no processo de aprendizagem de forma prazerosa (PROFESSORA 2, APÊNDICE C).

Em concordância, a Professora 3 destaca em sua fala:

quando as atividades são lúdicas, são atividades atrativas, o aprendizado é ainda mais significativo para a criança (PROFESSORA 3, APÊNDICE D).

A partir das respostas pudemos compreender que as docentes reconhecem que a ludicidade está intimamente ligada ao processo de aprendizagem. Morel (2003, p. 6) enfatiza que a ludicidade “trata-se de uma atividade que tem valor educacional intrínseco, com forte teor motivacional que canaliza energias, mobiliza esquemas mentais ativando as funções psiconeurológicas, além de estimular o pensamento”. Assim, inserir a ludicidade contribui para que o aprendizado seja mais significativo para as crianças, além de influenciar positivamente o desenvolvimento intelectual e psíquico.

2º Unidade de sentido: Estímulo do desenvolvimento infantil

Segundo as teorias do desenvolvimento humano desenvolvidas por Piaget, a presença do lúdico é entendida como essencial para que os indivíduos adquiram conhecimentos e atinjam a maturação de suas características biológicas e motoras, além de permitir aguçar a inteligência, isso porque “a criança que joga desenvolve suas percepções, sua inteligência, suas tendências à experimentação, seus instintos sociais” (PIAGET, 1975, p. 23-24). O lúdico permite que seja estimulado o desenvolvimento integral dos indivíduos, tanto nas suas características e habilidades motoras, quesito pertinente da Educação Infantil, quanto na maturação das características biológicas dos seres humanos.

Em concordância com a perspectiva apresentada, a influência do uso do lúdico para o desenvolvimento cognitivo foi citado apenas pela Professora 1 ao responder como as crianças respondem às atividades lúdicas:

Elas respondem muito bem, elas fazem com gosto, fazem felizes porque é algo próprio da criança, né? O brincar estimula não somente a imaginação, a fantasia, melhora a cognição e a questão afetiva da criança (PROFESSORA 1, APÊNDICE B).

Além de destacar o sentimento de felicidade que é despertado nas crianças quando estão a brincar, outros aspectos que influem na imaginação, fantasia e na cognição também são relatados por esta docente.

3º CATEGORIA DE ANÁLISE: PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS

A ludicidade desempenha um papel fundamental no que diz respeito ao incentivo da participação das crianças da Educação Infantil. As brincadeiras permitem que as crianças desenvolvam habilidades importantes para a convivência em sociedade, nos grupos e nas comunidades. Conforme mostra o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

(RCNEI), as brincadeiras “amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais” (BRASIL, 1998, p. 22). Diante disso, ao participar de brincadeiras e jogos que promovem a interação entre seus pares e com os adultos as crianças aprendem e reaprendem sobre as formas de agir em sociedade, e à medida em que forem crescendo e amadurecendo, possam participar ativamente dos mais diversos âmbitos.

Nesta categoria foram desenvolvidas duas Unidades de sentido: a primeira intitulada “Atividade prazerosa”, e a segunda “Motivação”.

1º Unidade de sentido: Atividade prazerosa

Uma fala emitida pela Professora 1 mostra que o brincar é encarado por ela como um estímulo para a receptividade das crianças onde a participação nas atividades solicitadas acontece de forma prazerosa. Ela diz:

Elas aprendem ao mesmo passo que se divertem, isso que é legal no lúdico, né? esse interesse, esse divertimento que as crianças sentem na hora, sentem prazer por aprender, e é esse prazer que eu acho que é uma grande contribuição em incluir o lúdico na Educação Infantil. As crianças respondem muito bem às atividades lúdicas. Elas são bastantes receptivas pelos alunos e alunas (PROFESSORA 1, APÊNDICE B).

Conforme destacado pela professora, além do prazer resultante do brincar, as atividades lúdicas são bem recebidas e despertam o interesse das crianças para participar dos momentos lúdicos educativos.

De acordo com Moyles (2002, p. 21), “o brincar é realizado por puro prazer e diversão e cria uma atitude alegre em relação à vida e à aprendizagem. Isso certamente é uma razão suficiente para valorizar o brincar”. Assim como pontua a autora, o brincar resulta em momentos de aprendizagem felizes e divertidos, por isso é atrativo para as crianças realizarem atividades que incluem experiências de divertimento.

2º Unidade de sentido: Motivação

Inserir práticas lúdicas contribuem para o aumento da motivação das crianças quanto aos estudos. O brincar “motiva e desafia o participante tanto a dominar o que é familiar quanto a responder ao desconhecido em termos de obter informações, conhecimentos, habilidades e

entendimentos” (MOYLES, 2002, p. 20). Para expô essa ideia, destacamos a afirmação dita pela Professora 2:

o lúdico na Educação Infantil ele é essencial para dinamizar a aprendizagem das crianças, né? pois pela sua pouca idade que as crianças têm, elas necessitam de um método que chame a atenção e desperte o interesse pra fazer novas descobertas (PROFESSORA 2, APÊNDICE C).

Desse modo, é de suma importância incluir atividades que tragam dinâmicas adequadas à idade das crianças, para que essas venham a despertar o interesse em desenvolver novas habilidades de aprendizagem. Ainda nesse aspecto, a Professora 3 diz:

Quando as atividades são lúdicas, são atividades atrativas, eles se sentem mais felizes, motivados para fazer as atividades (PROFESSORA 3, APÊNDICE D).

Diante disso é possível afirmar que as atividades lúdicas resultam em momentos de felicidade e motivam a participação das crianças.

2º DIMENSÃO DE ANÁLISE: QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

A segunda dimensão de análise diz respeito às questões étnico-raciais, pois os questionamentos trazidos na entrevista buscaram investigar o posicionamento das docentes em relação à educação para as relações ético-raciais e de que forma ocorre sua aplicação no cotidiano escolar das professoras participantes.

Nesta dimensão foram desenvolvidas três categorias de análises embasadas nas respostas obtidas, estas são: “Aplicabilidade da Lei 10.639/03”, “Jogos e brincadeiras de origem africana” e “Diversidade da cultura africana”. Para tanto, as análises serão apresentadas a seguir.

1º CATEGORIA DE ANÁLISE: APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03

Em nossa legislação educacional temos em vigor a Lei Federal nº 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) que institui a obrigatoriedade do ensino e cultura afro-brasileira e africana nas unidades escolares da educação básica. Sendo assim, deve-se inserir as temáticas da educação étnico-racial e discutir seus aspectos desde os anos iniciais da Educação Infantil, adaptando-se ao nível das crianças. Para Veiga (2011, p. 8):

A Lei é uma referência no embate pela superação da desigualdade racial no contexto da educação brasileira, constitui uma importante ação afirmativa compatibilizada com reivindicações históricas do Movimento Negro. É o momento de reflexão das práticas educativas, de reconstruir currículos e PPP, de reeducação do olhar sobre o continente africano.

A presença da Lei 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) incita uma reflexão criteriosa a respeito dos documentos norteadores do ensino presentes na escola, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), documento que define as prioridades e escolhas que serão tomadas pela comunidade escolar ao longo do ano letivo. Sendo assim, espera-se que este documento aborde as questões étnico-raciais de forma objetiva e inclusiva para que torne possível a efetivação da Lei referida.

Para interpretação das falas das entrevistadas, nesta categoria foram desenvolvidas duas Unidades de sentido: a primeira foi intitulada “Atividades desenvolvidas nas aulas” e a segunda “Datas comemorativas”.

1º Unidade de sentido: Atividades desenvolvidas nas aulas

Inicialmente questionamos sobre o conhecimento das professoras a respeito da Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) e de que forma elas buscam aplicá-la em suas turmas da Educação Infantil. Todas as três afirmaram conhecer a Lei e explicaram os meios que dispõem para a sua efetivação. As respostas dadas podem ser observadas as seguir:

Em sua fala a Professora 1 aborda que conhece a Lei e procura aplicá-la ao planejar suas atividades de acordo com os campos de experiências apresentados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre o desenvolvimento do autoconhecimento das crianças:

Sim, eu conheço a lei que institui a obrigação dos currículos da educação básica a trabalhar a história e a cultura africana e afro-brasileira e também instituiu o dia 20 de novembro para o Dia da Consciência Negra, né? Na minha prática eu busco inserir a temática através de atividades que promovem o respeito, a diferença de raça, de etnia... E a partir desse entendimento procuro inserir a partir dos eixos dos campos de experiência da BNCC o autoconhecimento, o pertencimento de raça, de gênero a partir desse olhar. Atividades que envolvem por exemplo o uso de espelhos, como eu já trabalhei, pra criança identificar o seu cabelo, a sua pele, onde é que tá as partes do seu corpo (PROFESSORA1, APÊNDICE B).

Conforme descrito, esta profissional cita que faz uso de espelhos para trabalhar a construção da identidade e reconhecimento das características físicas e corporais das crianças, como o tipo de cabelo e cor da pele. O RCNEI (BRASIL, MEC, 1998) explica a relevância que a utilização deste objeto tem nas atividades pedagógicas e brincadeiras com as crianças, pois

“o espelho é um importante instrumento para a construção da identidade. Por meio das brincadeiras que faz em frente a ele, a criança começa a reconhecer sua imagem e as características físicas que integram a sua pessoa” (BRASIL, MEC, 1998, p. 33). Em vista disso, ao se observar no reflexo do espelho as crianças passarão a reconhecer as suas características e suas singularidades, percebendo e identificando diferenças e semelhanças entre elas. Com isso, o ensino e a aprendizagem das diferenças étnicas podem ser apresentadas e discutidas desde bem cedo nas brincadeiras.

No caso da Professora 2, a presença das metodologias lúdicas voltadas à valorização da cultura africana é bem pertinente e ela destaca quais recursos mais utiliza:

Eu conheço sim a Lei e busco colocá-la em prática no cotidiano através de atividades, de jogos, brincadeiras e brinquedos que evidenciam e valorizam tal cultura, como também busco utilizar as contações de história com personagens da cultura africana (PROFESSORA 2, APÊNDICE C).

Nesta fala enfatizamos o uso da contação de histórias com a presença de personagens da cultura africana nas atividades da educadora. O RCNEI citado anteriormente também discorre sobre esta metodologia, apontando as possibilidades de aprendizagem ofertadas com o apoio dos livros infantis para a disseminação das diversas culturas existentes. Segundo o Referencial, “as histórias que compõem o repertório infantil tradicional são inesgotável fonte de informações culturais, as quais somam-se a sua vivência concreta” (BRASIL, 1998, p. 25). De tal maneira, ao imergir no mundo literário é possível conhecer realidades distintas e distantes, com infinitas possibilidades de aprendizagem e aquisição de conhecimentos sobre a cultura africana e afrodescendente.

De forma similar, a Professora 3 mencionou que também utiliza as contações de histórias para trabalhar a questões impostas na legislação, assim como também a musicalização para tratar as temáticas de forma mais leve para as crianças.

Sim, conheço a lei 10.639/03. Eu busco trabalhar com as crianças de forma lúdica, através de musicalização, de contação de história e eles compreendem do jeito deles, e por isso que tentamos trazer de uma forma mais leve, né? pra que eles compreendam e super funciona (PROFESSORA 3, APÊNDICE D).

A musicalidade é uma das formas humanas de se expressar culturalmente, e se faz presente em muitas áreas educacionais, especialmente na Educação Infantil, com as brincadeiras cantadas, contação de histórias cantadas, apresentações teatrais ou vídeos de

animação encontrados nas mídias digitais. Com o auxílio deste recurso a aprendizagem da educação para as relações étnico-raciais se torna atrativa e eficaz.

Dentre muitos benefícios proporcionados pela utilização da musicalidade é relevante destacar que “a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social” (BRASIL, 1998, p. 49). Logo, fazer uso da musicalização para apresentar aspectos da cultura dos povos africanos e afrodescendentes tem grande valia, permitindo que as crianças negras tenham orgulho da sua cultura e se reconheçam nela.

2º Unidade de sentido: Datas comemorativas

Foi observado nas falas das três professoras entrevistadas que as questões étnico-raciais são trabalhadas de forma mais específica em datas comemorativas previstas no calendário, especificamente no Dia da Consciência Negra (20 de novembro).

A Professora 1 relatou que:

infelizmente as escolas deixam para trabalhar esse assunto tão importante próprio da nossa cultura apenas no dia 20 de novembro (PROFESSORA 1, APÊNDICE B).

Percebe-se que isso é visto por ela como algo negativo, pois ela usa o termo “infelizmente”, indicando que deveria ser algo mais recorrente. O mesmo ocorreu na fala da Professora 2, que usou o termo “é uma pena”:

A instituição aborda as discussão dessas temáticas raciais, mesmo que seja assim mais em datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra, da Abolição da escravatura. Realmente é uma pena não ser abordado sempre, é mais nessas datas (PROFESSORA 2, APÊNDICE C).

Em relação a essa situação, as orientações contidas nos documentos norteadoras expressam de forma nítida que a abordagem das temáticas étnico-raciais não deve ser realizada em atividades isoladas em meses específicos. As Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (BRASIL, MEC, 2006, p. 168) expõem que “é importante que a temática das relações étnico-raciais esteja contida nos projetos pedagógicos das instituições, evitando-se práticas localizadas em determinadas fases do ano como maio, abril, agosto, novembro”. Para tanto, ao longo de todos os meses do ano letivo deve-se incluir atividades ou projetos que contemplem as temáticas em questão.

A Professora 3 traz um dado interessante ao relatar que o município tem um calendário socioeducativo que define as datas comemorativas que devem ser abordadas no CREI, portanto trabalhar as questões voltadas as temáticas raciais não é algo opcional, mas que está posto no documento que norteia as propostas curriculares educacionais do município. Datas como o Dia da Consciência Negra (20 de novembro) e da Abolição da escravatura (13 de maio) são citadas pela docente:

Em relação a isso nós professores da rede municipal de ensino temos o calendário socioeducativo com datas importantes a serem trabalhadas durante o ano, em relação a esta temática temos duas datas que estão em destaque, que é a Abolição da escravatura e o Dia Nacional da consciência Negra, esse dia tem uma abrangência maior então não é durante todo o ano que trabalhamos esta temática (PROFESSORA 3, APÊNDICE D).

Percebe-se que apesar de haver a presença das temáticas no calendário socioeducativo do município, elas são destinadas apenas a essas duas datas comemorativas. No entanto, sabemos que as discussões desse cunho precisam ser trabalhadas de forma contínua, durante todo o ano letivo. E assim, como afirmam Rosolem e Guerra (2013, p. 72),

surge a necessidade de projetos pedagógicos contínuos que contemplem a cultura afro-brasileira, que visem à construção de uma identidade que reconheça e valorize suas raízes como importante base sociocultural e que respeite e reconheça outras culturas com a mesma importância social.

Quando a escola insere atividades e debates referentes ao universo plural da cultura africana e afrodescendente, os/as alunos/as passam a compreender que essa cultura tem a mesma importância que as outras vistas ao longo do ano, porém quando isso não ocorre e as temáticas raciais sofrem ocultamento no decorrer do ano letivo, é provável que essas crianças se esqueçam do que é apresentado uma ou duas vezes por ano e não percebam a devida importância e relevância que a temática tem, pois é algo silenciado.

2º CATEGORIA DE ANÁLISE: JOGOS E BRINCADEIRAS DE ORIGEM AFRICANA

Nesta categoria de análise buscamos investigar sobre o conhecimento das professoras participantes acerca dos jogos e brincadeiras de origem africana e as possibilidades de utilizá-los em sua prática pedagógica.

De acordo com as respostas obtidas foram elaboradas duas Unidades de sentido: a primeira intitulada “Brincadeiras ressignificadas” e a segunda “Recursos e Métodos”. As respectivas análises serão apresentadas a seguir.

1º Unidade de sentido: Brincadeiras ressignificadas

Quando questionamos sobre o conhecimento e a utilização dos jogos e brincadeiras de origem africana, ambas responderam que conhecem exemplos de jogos e brincadeiras africanas pois já pesquisaram sobre o assunto em outras oportunidades.

Algumas brincadeiras de origem africana retratam o que se passava no dia a dia das pessoas escravizadas, desse modo algumas brincadeiras traziam o reflexo da realidade repleta de violência, espancamentos e maus tratos enfrentados durante o período da escravidão.

As crianças escravizadas não foram poupadas das atrocidades ocorridas naquela época, pois ao brincar com os/as filhos/as dos donos de engenho, essas crianças eram tratadas de forma humilhante e desrespeitadas durante as brincadeiras realizadas ali. Freyre (2006, p. 419) explica que “nas brincadeiras, muitas vezes brutais, dos filhos de engenho, os moleques serviam para tudo; eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almanjarras, eram burros de liteiras e de cargas as mais pesadas”. Dessa forma, as brincadeiras eram uma extensão dos maus tratos sofridos pelas crianças negras. Um exemplo disso é a brincadeira conhecida como “chicotinho queimado”, onde a sua execução corresponde aos atos de espancamentos com chicotes destinados às pessoas negras escravizadas.

Em sua fala, a Professora 2 cita essa brincadeira para exemplificar as brincadeiras africanas conhecidas por ela.

Já pesquisei sim, sempre pesquiso sobre alguns jogos e brincadeiras de origem africana. Algumas brincadeiras são bem conhecidas como a brincadeira Escravos de Jó, chicotinho queimado, batata quente, pula-corda, todas elas são brincadeiras de origem africana. Considero sim, já faço uso delas (PROFESSORA 2, APÊNDICE C).

Ao citar vários exemplos de brincadeiras de origem africana é perceptível que esta docente conhece algumas delas, mas além de conhecer, pontuamos a necessidade de buscar ressignificar o significado destinado às brincadeiras que expressem apenas um fragmento da história dos povos negros, pois estas enfatizam apenas o passado escravista, onde a figura da pessoa negra é posta como vítima e passiva a tudo que ocorreu. Incluir brincadeiras com esta perspectiva não contribui com o real sentido proposto para o ensino e aprendizagem da história e cultura africana, conforme consta na Lei federal 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003).

2° Unidade de sentido: Recursos e métodos

Dentre os recursos citados por uma professora, ela afirma fazer uso de atividades lúdicas, como também de livros com conteúdos voltados para a cultura africana. A Professora 1 diz:

Sim, eu já pesquisei e conheço algumas atividades lúdicas e também alguns livros que são de origem africanas e sim, considero essa possibilidade, inclusive acho que devo incluir com mais frequência atividades que envolve e que são de origem africanas, e irei com certeza incluir (PROFESSORA 1, APÊNDICE B).

No caso da Professora 2, ela expôs que já pesquisou sobre jogos e brincadeiras de origem africana durante a sua formação em Pedagogia, mas não conhece muitos exemplos. Apesar disso ela diz que considera isso como algo interessante para trabalhar a cultura africana com as crianças e pretende pesquisar mais sobre o assunto.

Sim, eu já pesquisei sobre jogos e brincadeiras africana mas não conheço muito, pesquisei durante a minha formação e achei super legal. Acredito que dá sim pra trazer pra sala de aula, as crianças vão achar bem interessante, e é até forma de trabalhar a cultura africana com a crianças. Com certeza considero essa possibilidade! Já havia pesquisado essas brincadeiras e acho muito legal. Pretendo sim pesquisar mais e lançar propostas de brincadeiras de origem africana nas minhas turminhas (PROFESSORA 3, APÊNDICE D).

Observamos que as duas professoras expressaram que pretendem pesquisar mais sobre esse assunto para poder incluí-lo nas suas turmas, isso é um fator positivo e mostra a necessidade que todos/as os/as professores/as têm de refletir constantemente sobre sua prática pedagógica para fazer mudanças frequentes quando percebem que determinado assunto precisa ser repensado e incluso.

Esta perspectiva está em concordância com a afirmação das autoras já citadas, Rosolem e Guerra (2013, p. 83): “Refletir e criar ações pedagógicas que levem a conhecer a herança cultural da sociedade é fundamental para se chegar ao reconhecimento e à valorização da diversidade que compõe esta mesma sociedade”. Assim, a constante reflexão acerca da promoção de práticas pedagógicas que dão lugar à diversidade cultural, como a cultura africana e afrodescendente, contribui para a valorização da mesma perante a sociedade.

3° CATEGORIA DE ANÁLISE: DIVERSIDADE DA CULTURA AFRICANA

Nesta categoria de análise buscamos entender a percepção das participantes sobre a utilização da ludicidade para trabalhar a construção do respeito e valorização da diversidade cultural e racial.

De acordo com as respostas obtidas foram elaboradas duas Unidades de sentido, a primeira intitulada “Heranças culturais afro-brasileiras” e a segunda “Respeito às diferenças”

1° Unidade de sentido: Heranças culturais afro-brasileiras

A participação dos povos africanos na formação do Brasil deixou marcas e contribuiu de forma significativa para a composição de muitos aspectos da nossa cultura. As heranças culturais estão presentes na dança, religiosidade, vocabulário e até na culinária do nosso país.

Neste quesito, apenas uma das entrevistadas fez menção aos aspectos voltados à herança cultural, a Professora 1, que mencionou já ter trabalhado a culinária e as comidas típicas da cultura africana. Ela diz:

Já trabalhei inclusive com alguns aspectos da cultura africana quando foi abordado a questão das Ligas Camponesas no município, foi a questão das comidas típicas que são oriundas da nossa cultura africana (PROFESSORA 1, APÊNDICE B).

De acordo com o livro História e cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Infantil (BRASIL, MEC, 2014, p. 75) “comidas e bebidas, algumas delas, inclusive, são utilizadas nos rituais religiosos e se popularizavam-se na culinária brasileira, notadamente na baiana”. Dessa forma, a utilização de comidas típicas oriundas da cultura africana foi um meio utilizado pela professora para desenvolver atividades que prezam pela valorização de aspectos da cultura imaterial afro-brasileira que temos no nosso cotidiano.

2° Unidade de sentido: Respeito às diferenças

O último questionamento da entrevista foi sobre a percepção docente referente à utilização da ludicidade para trabalhar a construção do respeito e valorização da diversidade cultural e racial. De acordo com as respostas, trabalhar com aspectos lúdicos voltados para ensinar e aprender a educação para as relações étnico-raciais é visto pelas três professoras como algo relevante e que têm apresentado bons resultados com as crianças dos anos iniciais da Educação Infantil. As falas mostram o seguinte:

Bem, acredito que é partir do lúdico que a criança vai aprender a experimentar práticas culturais, construir sentidos, a sua identidade pessoal, a sua forma de ver, de ser e estar no mundo e isso contribui para sua aceitação, aceitação da sua cor, do seu cabelo, do seu corpo e contribui também para a aceitação do cor, do cabelo, do corpo dos outros, dos seus pares. Então eu acho que a ludicidade ela é de importante função nessa construção do respeito e da valorização da diversidade cultural e racial, exatamente por isso, porque através do lúdico a criança vai aprendendo a se aceitar e aceitar o seu próximo, respeitar as diferenças (PROFESSORA 1, APÊNDICE B).

Eu acredito que o lúdico é uma importante ferramenta nessa construção, pois através de atividades planejadas podemos trabalhar temas e conceitos oriundos de culturas diferentes, né? buscando acima de tudo o respeito por essa diversidade, principalmente nós brasileiros que somos bastante miscigenados, temos uma cultura bastante diversificada, então assim, a construção desse respeito é essencial principalmente para nós brasileiros (PROFESSORA 2, APÊNDICE C).

Eu super acredito na utilização da ludicidade para trabalhar a construção do respeito, eu já trabalho dessa forma. É difícil trazer esses conteúdos pras crianças e através da ludicidade eu consigo trabalhar com as crianças, eles conseguem compreender né? de uma forma leve, alegre. Eu acredito que é super válido, nós temos que sempre incentivar as crianças a valorizarem a diversidade, perceber que existem pessoas diferentes e por sermos diferentes temos que conviver e respeitar essas diferenças, conviver em harmonia, valorizar as tradições, as culturas... é isso (PROFESSORA 3, APÊNDICE D).

A partir das falas transcritas, observamos que incluir atividades imersas no universo lúdico para trabalhar as temáticas da diversidade cultural e racial proporciona a construção da identidade pessoal e aceitação das características físicas com os traços étnicos próprios de cada sujeito, além da construção do respeito às peculiaridades das outras pessoas, pois o povo brasileiro é pluriétnico e diverso.

Através do conhecimento de que a sociedade é formada pela diversidade e do entendimento de que essa diversidade tem importante contribuição e deve, portanto, ser respeitada e valorizada, a criança se sentirá pertencente e orgulhosa de suas origens, não permitindo ser afetada por discriminações e preconceitos. Deste modo, seu comportamento e atitudes serão de igualdade e respeito, contribuindo para a cidadania (ROSOLEM; GUERRA, 2013, p. 88).

Diante disso, o lúdico torna a experiência de reconhecimento e aceitação mais leve e divertida, possibilitando o interesse e envolvimento das crianças no processo de ensino e aprendizagem. Ademais, irá contribuir para a diminuição de atitudes discriminatórias dentro e fora do ambiente escolar, uma vez que o conceito de respeito for sendo compreendido pelas crianças.

Ao analisar as respostas emitidas pelas docentes da Educação Infantil através das entrevistas, pudemos compreender que a utilização das atividades lúdicas se faz presente no cotidiano educacional e apresenta contribuições significativas tanto para o desenvolvimento

integral das crianças, quanto para a efetivação da educação voltada para as relações étnico-raciais.

No que tange os jogos e brincadeiras de origem africana foi perceptível notar que é necessário haver mais pesquisas acerca da temática, porém elas afirmam que consideram a possibilidade de inserir tal metodologia, pois entendem que esta será de grande importância para trabalhar a cultura africana e afrodescendente de forma lúdica e prazerosa para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as discussões apresentadas ao longo desta pesquisa, o brincar se apresenta como uma atividade que faz parte das vivências das pessoas desde a antiguidade. No âmbito educacional da Educação Infantil é de suma importância incluir as atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem, visto que a ludicidade é defendida por diversos/as estudiosos/as, sobretudo a utilização de jogos e brincadeiras, e são consideradas como aliadas da aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças, contribuindo para desenvolver aspectos cognitivos e físicos, além de aprimorar as habilidades de interação, socialização e o fortalecimento de valores como o respeito e a empatia, postos nos documentos legais e diretrizes que servem como base para nortear a Educação infantil no país.

A presença de jogos e brincadeiras presentes no cenário brasileiro tiveram forte influência das múltiplas culturas dos povos que contribuíram para a formação do país durante o período de colonização e escravatura, sobretudo os povos africanos. Durante esse período as tradições culturais e costumes desses povos foram se perpetuando e sendo repassados dos mais velhos para as crianças, que também foram escravizadas.

As brincadeiras desenvolvem a autoestima e a autoconfiança que as crianças têm em si próprias e nas suas capacidades. Nesse sentido, jogos e brincadeiras são um tipo de linguagem que possuem vínculos diretos com a cultura e as tradições locais, e assim como em outras culturas, a cultura africana possui suas características e peculiaridades.

Em relação aos povos africanos e seus afrodescendentes, nota-se que os vestígios das suas contribuições se faz presente ainda atualmente e são percebidas na dança, culinária, religiosidade, assim também como nos jogos e brincadeiras, questão principal desta pesquisa. Tais aspectos culturais precisam ser reconhecidos e valorizados por todos/as nós. Neste sentido, a Escola é um dos espaços responsáveis por apresentar e promover discussões que contemplem as temáticas referentes à educação para as relações étnico-raciais de forma acessível a todos/as que compõem a comunidade escolar.

Assim, diante os resultados analisados, compreendemos que fazer uso das atividades lúdicas, como os jogos e brincadeiras de origem africana, contribuem significativamente para a efetivação da Lei Federal nº 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) e proporcionam discussões pautadas no ensino da cultura africana e afro-brasileira e da diversidade cultural desde os anos iniciais da Educação infantil, etapa fundamental para o desenvolvimento de valores essenciais para a vivência em uma sociedade tão plural quanto a nossa.

Contudo, é válido ressaltar que se faz necessário promover, nas instituições escolares, um espaço mais aberto para abordar uma educação voltada para as relações étnico-raciais de forma contínua e integrada ao currículo institucional, não meramente em datas específicas do calendário letivo. Ademais, urge ao corpo docente a necessidade de se manter regularmente ativo quanto ao processo de reflexão crítica sobre a prática pedagógica ofertada aos/as estudantes, prezando pela formação continuada para ressignificar o fazer docente.

Portanto, promover uma educação antirracista é dever de todos/as os/as agentes comprometidos com a Educação, que têm buscado incansavelmente contribuir para a transformação da nossa sociedade, tornando-a mais igualitária e tolerante, na qual todas as pessoas tenham seus direitos respeitados e sintam-se acolhidas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNADES, E. L. **Jogos e brincadeiras tradicionais: um passeio pela história**. Universidade Federal de Uberlândia, 2013. Disponível em: http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/47ElizabethBerna_rdes.pdf . Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>. Acesso em: 05 maio. 2021.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9.394/96. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf Acesso em: 05 maio. 2021.

_____. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 01 mar. 2021.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**/ Ministério da Educação. Secretaria Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Distrito Federal: MEC, 2004.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BROUGÉRE, G. **A criança e a cultura lúdica**. Revista Faculdade e educação. vol. 24 n. 2. São Paulo July/Dec, 1998.

CASCUDO, L. C. **Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica**. São Paulo: Global Editora, 1985.

CUNHA, D. A. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016. E-book (118 p.). Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/196>. Acesso em: 17 jun. 2021.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal/ Gilberto Freyre: apresentando Fernando Henrique Cardoso**. 51ª ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução Joao Paulo Monteiro. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KABENGELE, M. (Org). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2.ed, 2005.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

_____. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

LUCKESI, C. C. Ludicidade e experiências lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. In: PORTO, Bernadete de Souza (Org.). **Educação e Ludicidade** – Ensaio 02, GEPEL/FACED/ UFBA, 2002.

MINAYO, M. C. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREL, Y. P. **Educação e Ludicidade**. Revista Laureate International Universities, 2003. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48250506-Yolanda-pereira-morel-educacao-eludicidade.html>. Acesso em: 20 ago. 2021.

OLIVEIRA, J. P., GOULART T. E. **História e cultura afro-brasileira e indígena em sala de aula: a implementação da lei 11.645/08 nas escolas**. Aedos, n.11, vol. 4- set. 2012.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer Pesquisa Qualitativa**. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

_____. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

REIS, E., et.al. **Reencarnando a infância com cantigas, brincadeiras e diversão**. Centro de Tecnologias alternativas da Zona da Mata Sítio Alfa, Viroleira, Zona Rural, Viçosa – MG, 2009.

ROSOLEM, L. F., GUERRA, N. J. **Ensino de história e cultura afro-brasileira para a formação da identidade na educação infantil**. Revista Interação, 12ºed., ano VII- v1, n 2, 2013.

SANTOS, E. P., MATOS, F. A., ALMEIDA, V. C. **O resgate das brincadeiras tradicionais par ao ambiente escolar**. Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, SP, v. 10, n. 14, Jan./jun. 2009.

SILVA, A. M. S., CARVALHO, M. J. **Recordações maravilhosas da infância**: a memória como fonte de resgate das brincadeiras tradicionais na educação infantil. Pesquisa e educação na contemporaneidade: perspectivas teórico e metodológicas caruaru, 2012.

SILVA, R. N, SANTOS, C. A. **História e cultura afro-brasileira no livro didático**: estudo das possibilidades no colégio Lyceu de goyaz no ano de 2013. Anais da Semana de Integração Acadêmica 02 a 06 de setembro de 2013 Anais - Goiás, v.1, n.1, 2013.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **A formação social da mente**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ROTEIRO DE ENTREVISTA

1- PERFIL

- Gênero e idade:
- Formação:
- Tempo de atuação na Educação Infantil:
- Ano/ série em que atua atualmente:
- Local de atuação (rede particular ou pública):

2- SOBRE O TRABALHO COM O LÚDICO:

- a) Você costuma utilizar o lúdico na sua prática pedagógica? Em caso afirmativo, qual a frequência?
- b) Você percebe alguma contribuição proporcionada pela inserção da ludicidade na sua atuação docente?
- c) Como as crianças respondem às atividades lúdicas?

3- SOBRE A APLICABILIDADE DA LEI 10.639/03

- d) Você conhece a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) referente ao Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica? Em caso afirmativo, como você busca colocá-la em prática?
- e) A instituição da qual você faz parte promove discussões que contemplem a temática racial? Em caso afirmativo, de que forma(s)?

4- SOBRE A RELAÇÃO DA LUCIDADE COM A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

- e) Você conhece ou já pesquisou sobre alguns exemplos de jogos e brincadeiras de origem africana?
- f) Você considera a possibilidade de utilizar jogos e brincadeiras de origem africana no seu cotidiano escolar?
- g) Qual sua percepção sobre a utilização da ludicidade para trabalhar a construção do respeito e valorização da diversidade cultural e racial?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA ENTREVISTA

<p>IDENTIFICAÇÃO: Professora 1</p> <p>PERFIL:</p> <p>Gênero e idade: Feminino, 31 anos</p> <p>Formação: Licenciada em Pedagogia em 2019</p> <p>Tempo de atuação na Educação Infantil: 10 meses</p> <p>Ano/ série em que atua atualmente: Maternal I A</p> <p>Local de atuação (rede particular ou pública): Em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), rede pública da cidade de Sapé.</p>	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>1- Você costuma utilizar o lúdico na sua prática pedagógica? Em caso afirmativo, qual a frequência?</p>	<p>Eu procuro inserir no meu cotidiano escolar, na minha prática escolar, sempre o lúdico, porque eu acredito que a partir do lúdico que a criança vai realmente aprender e que ela vai ter uma aprendizagem significativa, porque a criança é um ser brincante que precisa brincar para aprender. A partir desse entendimento eu procuro investir em atividades que desenvolvam o lúdico. A partir do meu processo mediativo procuro desenvolver o lúdico cotidianamente.</p>
<p>2- Você percebe alguma contribuição proporcionada pela inserção da ludicidade na sua atuação docente?</p>	<p>Sim, muita, muita contribuição. Quando se tem atividades que só tem papel é perceptível a observação de que as crianças elas fazem sem interesse nenhum, diferentemente quando a atividade envolve o brincar. Elas aprendem ao mesmo passo que se divertem, isso que é legal no lúdico, né? esse interesse, esse divertimento que as crianças sentem na hora, sentem prazer por aprender, e é esse prazer que eu acho que é uma grande contribuição em incluir o lúdico na Educação Infantil.</p>
<p>3- Como as crianças respondem às atividades lúdicas?</p>	<p>Elas respondem muito bem, elas fazem com gosto, fazem felizes porque é algo próprio da criança, né? O brincar estimula não somente a imaginação, a fantasia, melhora a cognição, a questão afetiva da</p>

	<p>criança. Então as crianças respondem muito bem às atividades lúdicas. Elas são bastantes receptivas pelos alunos e alunas.</p>
<p>4- Você conhece a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) referente ao Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica? Em caso afirmativo, como você busca colocá-la em prática?</p>	<p>Sim, eu conheço a lei que institui a obrigação dos currículos da educação básica a trabalhar a história e a cultura africana e afro-brasileira e também instituiu o dia 20 de novembro para o Dia da Consciência Negra, né? que infelizmente as escolas deixam para trabalhar esse assunto tão importante próprio da nossa cultura apenas no dia 20 de novembro. Na minha prática eu busco inserir a temática através de atividades que promovem o respeito, a diferença de raça, de etnia e a partir desses conceitos também eu incluo o gênero e a orientação sexual porque eu acho que esses marcadores sociais caminham juntos. E a partir desse entendimento procuro inserir a partir dos eixos dos campos de experiência da BNCC o autoconhecimento, o pertencimento de raça, de gênero a partir desse olhar. Atividades que envolvem por exemplo o uso de espelhos, como eu já trabalhei, pra criança identificar o seu cabelo, a sua pele, onde é que tá as partes do seu corpo.</p>
<p>5- A instituição da qual você faz parte promove discussões que contemplem a temática racial? Em caso afirmativo, de que forma(s)?</p>	<p>No CREI até agora não houve nenhuma discussão que promovesse a temática das relações étnico-raciais, porém a Secretaria de Educação já ofertou cursos e oficinas que envolviam a temática, mas dentro da escola ainda não houve essas discussões, há conversas informais entre nós professoras sobre essas temáticas e de como poderíamos e como deveríamos incluí-las na nossa prática escolar e no currículo, e a partir dessas trocas de experiências pensamos em atividades que evitem preconizar a supremacia branca, né? pelo contrário, que abordem a temática da diversidade, do respeito à diferença, que preconizem a cultura da paz.</p>

<p>6- Você conhece ou já pesquisou sobre alguns exemplos de jogos e brincadeiras de origem africana?</p>	<p>Sim, eu já pesquisei e conheço algumas atividades lúdicas e também alguns livros que são de origem africanas. Já trabalhei inclusive com alguns aspectos da cultura africana quando foi abordado a questão das Ligas Camponesas no município, foi a questão das comidas típicas que são oriundas da nossa cultura africana.</p>
<p>7- Você considera a possibilidade de utilizar jogos e brincadeiras de origem africana no seu cotidiano escolar?</p>	<p>Sim, considero essa possibilidade, inclusive acho que devo incluir com mais frequência atividades que envolve e que são de origem africanas, e irei com certeza incluir.</p>
<p>8- Qual sua percepção sobre a utilização da ludicidade para trabalhar a construção do respeito e valorização da diversidade cultural e racial?</p>	<p>Bem, acredito que é partir do lúdico que a criança vai aprender a experimentar práticas culturais, construir sentidos, a sua identidade pessoal, a sua forma de ver, de ser e estar no mundo e isso contribui para sua aceitação, aceitação da sua cor, do seu cabelo, do seu corpo e contribui também para a aceitação do cor, do cabelo, do corpo dos outros, dos seus pares. Então eu acho que a ludicidade ela é de importante função nessa construção do respeito e da valorização da diversidade cultural e racial, exatamente por isso, porque através do lúdico a criança vai aprendendo a se aceitar e aceitar o seu próximo, respeitar as diferenças.</p>

Fonte: A autora (2021)

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA SEGUNDA ENTREVISTA

<p>IDENTIFICAÇÃO: Professora 2</p> <p>PERFIL:</p> <p>Gênero e idade: Feminino, idade não informada.</p> <p>Formação: Licenciada em Pedagogia em 2007</p> <p>Tempo de atuação na Educação Infantil: 12 anos</p> <p>Ano/ série em que atua atualmente: Maternal I B</p> <p>Local de atuação (rede particular ou pública): Em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), rede pública da cidade de Sapé.</p>	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
1-Você costuma utilizar o lúdico na sua prática pedagógica? Em caso afirmativo, qual a frequência?	Eu costumo sim usar o lúdico nas minhas práticas pedagógicas sempre que possível, aproximadamente umas 3 vezes por semana no mínimo.
2- Você percebe alguma contribuição proporcionada pela inserção da ludicidade na sua atuação docente?	Percebo sim, o lúdico na Educação Infantil ele é essencial para dinamizar a aprendizagem das crianças, né? pois pela sua pouca idade que as crianças têm, elas necessitam de um método que chame a atenção e desperte o interesse pra fazer novas descobertas.
3- Como as crianças respondem às atividades lúdicas?	As crianças respondem de forma muito positiva. O universo de brincadeiras direcionadas, planejadas elas têm uma aceitação bastante decisiva, certo? Pois ela auxilia no processo de aprendizagem de forma prazerosa.
4- Você conhece a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) referente ao Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica? Em caso afirmativo, como você busca colocá-la em prática?	Eu conheço sim a Lei e busco colocá-la em prática no cotidiano através de atividades, de jogos, brincadeiras e brinquedos que evidenciam e valorizam tal cultura, como também busco utilizar as contações de história com personagens da cultura africana.
5- A instituição da qual você faz parte promove discussões que contemplem a temática racial? Em caso afirmativo, de que forma(s)?	A instituição aborda sim as discussões dessas temáticas raciais, mesmo que seja assim mais em datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra, da Abolição da escravatura. Realmente é uma pena não ser abordado sempre, é mais nessas datas, mas não deixa de ser abordado.

6- Você conhece ou já pesquisou sobre alguns exemplos de jogos e brincadeiras de origem africana?	Já pesquisei sim, sempre pesquiso sobre alguns jogos e brincadeiras de origem africana. Algumas brincadeiras são bem conhecidas como a brincadeira Escravos de Jó, chicotinho queimado, batata quente, pula-corda, todas elas são brincadeiras de origem africana.
7- Você considera a possibilidade de utilizar jogos e brincadeiras de origem africana no seu cotidiano escolar?	Considero sim, já faço uso delas.
8- Qual sua percepção sobre a utilização da ludicidade para trabalhar a construção do respeito e valorização da diversidade cultural e racial?	Eu acredito que o lúdico é uma importante ferramenta nessa construção, pois através de atividades planejadas podemos trabalhar temas e conceitos oriundos de culturas diferentes, né? buscando acima de tudo o respeito por essa diversidade, principalmente nós brasileiros que somos bastante miscigenados, temos uma cultura bastante diversificada, então assim, a construção desse respeito é essencial principalmente para nós brasileiros.

Fonte: A autora (2021)

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA TERCEIRA ENTREVISTA

<p>IDENTIFICAÇÃO: Professora 3</p> <p>PERFIL:</p> <p>Gênero e idade: Feminino, 25 anos</p> <p>Formação: Licenciatura em Pedagogia em 2019</p> <p>Tempo de atuação na Educação Infantil: 9 meses</p> <p>Ano/ série em que atua atualmente: Maternal II</p> <p>Local de atuação (rede particular ou pública): Em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI), rede pública da cidade de Sapé.</p>	
PERGUNTAS	RESPOSTAS
<p>1- Você costuma utilizar o lúdico na sua prática pedagógica? Em caso afirmativo, qual a frequência?</p>	<p>Sim, eu busco propor atividades lúdicas semanalmente e essas atividades são personalizadas de acordo com a realidade da turma. Eu penso nos materiais que eles têm em casa para produzir brinquedos com materiais reciclados, por exemplo. Além disso, gosto muito de trabalhar a espontaneidade das crianças através de brincadeiras prazerosas, de músicas, danças... toda essa parte lúdica é pensada com muito carinho, tudo é planejado e há uma intencionalidade</p>
<p>2- Você percebe alguma contribuição proporcionada pela inserção da ludicidade na sua atuação docente?</p>	<p>Com certeza percebo as contribuições. Dá pra me ver que quando as atividades são lúdicas, são atividades atrativas eles se sentem mais felizes, motivados para fazer as atividades. O aprendizado é ainda mais significativo para a criança.</p>
<p>3- Como as crianças respondem às atividades lúdicas?</p>	<p>Elas adoram jogos, brincadeiras, algo diferente eles gostam, chamam a atenção.</p>
<p>4- Você conhece a Lei Federal 10.639/03 (BRASIL, MEC, 2003) referente ao Ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica? Em caso afirmativo, como você busca colocá-la em prática?</p>	<p>Sim, conheço a lei 10.639/03. Em relação a isso nós professores da rede municipal de ensino temos o calendário socioeducativo com datas importantes a serem trabalhadas durante o ano, em relação a esta temática temos duas datas que estão em destaque, que é a Abolição da escravidão e o Dia Nacional da consciência Negra, esse dia tem uma abrangência maior. Eu busco ressaltar essa cultura, a importância, a cultura afro-brasileira tento trazer também</p>

	<p>e apresentar como parte formadora da sociedade brasileira e que principalmente devemos lutar contra o preconceito e discriminação racial, então não é durante todo o ano que trabalhamos esta temática mas buscamos sempre incluir em nossas práticas docentes essas temáticas que são tão importantes, e devemos trabalhar com as crianças de forma lúdica, através de musicalização, de contação de história e eles compreendem do jeitinho deles, e por isso que tentamos trazer de uma forma mais leve, né? pra que eles compreendam e super funciona.</p>
<p>5- A instituição da qual você faz parte promove discussões que contemplem a temática racial? Em caso afirmativo, de que forma(s)?</p>	<p>É mais nesse período de datas comemorativas, né? Esses diálogos acontecem geralmente do Dia Nacional da Consciência Negra e é algo mais amplo, tanto a instituição quanto a Secretaria de Educação ela promove esses momentos de diálogo com os profissionais e é muito importante pois traz reflexões e também grandes contribuições sobre essa temática.</p>
<p>6- Você conhece ou já pesquisou sobre alguns exemplos de jogos e brincadeiras de origem africana?</p>	<p>Sim, eu já pesquisei sobre jogos e brincadeiras africana mas não conheço muito, pesquisei durante a minha formação e achei super legal. Acredito que dá sim pra trazer pra sala de aula, as crianças vão achar bem interessante, e é até forma de trabalhar a cultura africana com a crianças.</p>
<p>7- Você considera a possibilidade de utilizar jogos e brincadeiras de origem africana no seu cotidiano escolar?</p>	<p>Com certeza considero essa possibilidade! Já havia pesquisado essas brincadeiras e acho muito legal, pois trabalhei também com jogos indígenas, e com a cultura indígena e acho importante trazer a cultura africana. Pretendo sim pesquisar mais e lançar propostas de brincadeiras de origem africana nas minhas turminhas.</p>

<p>8- Qual sua percepção sobre a utilização da ludicidade para trabalhar a construção do respeito e valorização da diversidade cultural e racial?</p>	<p>Eu super acredito na utilização da ludicidade para trabalhar a construção do respeito, eu já trabalho dessa forma. É difícil trazer esses conteúdos pras crianças e através da ludicidade eu consigo trabalhar com as crianças, eles conseguem compreender né? de uma forma leve, alegre. Eu acredito que é super válido, nós temos que sempre incentivar as crianças a valorizarem a diversidade, perceber que existem pessoas diferentes e por sermos diferentes temos que conviver e respeitar essas diferenças, conviver em harmonia, valorizar as tradições, as culturas... é isso.</p>
---	---

Fonte: A autora (2021)